

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Narrativas e memória indígena na Cidade dos Veados (RN)

JEAN DE PAIVA LEITE

NATAL / RN

2004

JEAN DE PAIVA LEITE

Narrativas e memória indígena na Cidade dos Veados (RN)

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Prof^a Dr^a. Julie A. Cavignac, como critério de obtenção do título de Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Sociologia.

NATAL / RN

2004

NARRATIVAS E MEMÓRIA INDÍGENA NA CIDADE DOS VEADOS (RN)**Jean de Paiva Leite**

Monografia defendida e aprovada em ___/ ___/ ___ pela
banca examinadora constituída pelos professores:

Prof^a. Dr^a. Julie A. Cavnac – Orientadora

Prof. Ms. Luiz Antônio de Oliveira – Membro

Prof^a. Dr^a. Luciana de O. Chianca – Membro

Prof^a. Ms. Anita de Queiroz Monteiro – Suplente

*Aos meus pais, Maria de Paiva Leite e Gentil Nogueira
Leite, porque lançaram sua semente em terra boa, onde há
manancial, para que crescesse e produzisse frutos.
A Julie A. Cavnac porque realizou a colheita!*

Eu te agradeço...

Agradeço aos meus pais, Maria e Gentil Leite, pelo amor, carinho e confiança! As minhas irmãs Elizângela, Eligeane, Elidiane e Elaine pela paciência e força. Agradeço a minha tia Zuleide pelo carinho e apoio. A minha prima Marineide Romão pelo acolhimento. Enfim, agradeço a toda minha família porque com palavra ou gesto me incentivou a prosseguir.

Agradeço as colegas Eliana Quirino (mestranda e coordenadora do Grupo de discussão da temática indígena, DAN / UFRN), Glória Morais (PPGCS), Evaneide César e Édna França pela contribuição e amparo.

De modo bem especial, agradeço a Julie A. Cavnignac pela orientação e acolhimento e, também, por ser uma professora insigne, digna do mérito que possui. Agradeço ao mestre Luiz Antônio de Oliveira pela atenção.

Agradeço ao ilustre amigo Valdemiro Severiano Filho a quem muito contribuiu para realização deste trabalho. Afinal, “amigo é pra essas coisas...” Agradeço também a sua família pelo acolhimento.

Agradeço às senhoras Marisa Barreto, pelo apoio e compreensão, e Lourdes Nunes pelas palavras de carinho e força.

Aos amigos Joyce Michelle, Raniery Câmara, Conceição Luz, Eluiza Cristina, Andréia Emídio, Francisco Emídio, Cleiber Artur, Antônio Henrique Neto por participarem da minha jornada ou com palavras, ou com gestos.

Agradeço, também, aos atores sociais que compõem a história de Rio dos Índios e que contribuíram para realização desta monografia: seu Zé Binga, seu Severo, d. Neuza, d. Nega, d. Joana, seu Nenê.

Agradeço a Deus porque “os últimos serão os primeiros”.

SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I: A PESQUISA	17
I.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA	18
I.2 DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE	21
I.3 UM CONTADOR DE ESTÓRIAS	25
CAPÍTULO II: AS NARRATIVAS	27
II.1 DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> NARRATIVO	28
II.2 O MÉTODO DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS	30
II.3 AS ESTÓRIAS DE ALMAS	32
II.4 AS ESTÓRIAS DE ENCANTAMENTOS	37
II.5 A ANÁLISE DAS NARRATIVAS	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	53
ANEXOS	58

RESUMO

O trabalho realizado no Distrito de Rio dos Índios, município de Ceará-Mirim, destinou-se a efetuar uma coleta da memória narrativa dos moradores desse distrito. Existem vários registros históricos que atestam a presença da população indígena até, pelo menos, o século XIX, sem que os moradores reivindiquem uma identidade diferencial. As narrativas, contadas por um especialista da palavra – Seu Zé Binga – para fins de análise, foram classificadas em “estórias de almas” e em “estórias de encantamento”. A análise das narrativas tem por objetivo verificar a recorrência de elementos e temas que informem sobre as representações simbólicas, sobretudo, as ligadas ao mundo sobrenatural e a uma memória indígena. De fato, mostram que há espíritos que habitam os lugares naturais e que existe uma comunicação intensa entre o mundo dos homens e o dos espíritos – que se encarnam também em animais. Da mesma forma, encontrou-se elementos e personagens que pertencem a história local colonial e que relatam fatos mais recentes: índios caçando macacos, missionários e igrejas, fazendeiros e índios expulsos das suas terras. Sem poder afirmar que as narrativas refletem a realidade ou fornecem dados objetivos sobre fatos históricos, o seu estudo é importante, pois dão informações sobre uma presença indígena – pelo menos no imaginário local.

INTRODUÇÃO

***“Busquei apenas, nas imagens e fatos do passado,
as pedras verdes das reminiscências”.*¹**

A citação acima, atribuída a Madalena Antunes Pereira, escritora ceará-mirinense, revela a busca incessante do homem em reconstruir e compreender a sua história, bem como a sua cultura, ao longo dos séculos, através de ícones do presente que remetem a signos do passado.

O presente trabalho pretende recompor elementos constitutivos da cultura e da história de um grupo, através da análise da sua memória buscando elementos que forneçam os indícios de uma presença indígena. Com isso, propõe-se fazer um resgate da memória dos descendentes dos índios que habitavam na Cidade dos Veados (posteriormente, Distrito de Rio dos Índios) (ANEXO I), município de Ceará-Mirim (ANEXO II), por volta do século XIX. A análise das narrativas e da memória servirá na tentativa de abordar a questão da identidade étnica dos descendentes dos índios que continuam a morar no local, visto que na versão da história contada pelos moradores, os índios “foram embora pro Pará. Não existem mais... agora são tudo manso e se vestem como a gente”².

O que se deseja, portanto, é iniciar uma reflexão sobre identidade a partir de elementos narrativos coletados em campo.

Partindo da afirmação segundo a qual os índios e seus descendentes teriam desaparecido, surgem as seguintes questões: O que aconteceu com os índios da Cidade dos Veados, pois é sabido que existem

¹ PEREIRA, MADALENA ANTUNES. *apud* GASPAR, DENISE PEREIRA. O mundo encantado de Ruy Antunes Pereira. Natal: Econômico, 1995.

² Frase citada por Seu Zé Binga quando perguntado sobre a existência de índios e seus descendentes (caboclos) na região.

vários registros históricos que atestam a existência de um aldeamento indígena? Para onde foram esses índios e onde estão seus descendentes nos dias atuais? Por que, no lugar, segundo os entrevistados, não existem mais índios? Como é concebida a definição de índio no imaginário do povoado? Se existem pessoas que admitam algum parentesco com indígenas, por que estes não reivindicam uma identidade diferencial?

Na impossibilidade de responder de maneira satisfatória a essas perguntas, escolheu-se analisar a memória e as narrativas nas quais aparecem referências a elementos da cultura indígena. O *corpus* narrativo foi coletado no referido distrito e se considera a memorização um dos pontos de maior relevância para a questão em estudo.

A memória é, portanto, um fenômeno construído tanto individualmente, como coletivamente, seletiva e podendo ser herdada (POLLAK 1992) quando transmitida, inclusive, através da oralidade (RONDELLI 1993):

o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizado a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com que fique o significante.

Segundo Pollak (1992), há uma relação estreita entre memória e identidade: ela favorece a construção da representação social da identidade. Em outras palavras, a memória é quem possibilita a construção da imagem “que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, e também para ser percebida da maneira como quer ser

percebida pelos outros” (POLLAK 1992). Segundo Hall (2000), identidade é algo que não é inato, mas adquirido ao longo do tempo e ainda, conforme Pollak (1992), é construído e pautado em três elementos básicos:

“a) unidade física, no caso da pessoa, ou de fronteiras físicas, no caso de grupo;

b) há a continuidade dentro do tempo, nos sentido físico, moral e psicológico;

c) há o sentimento de coerência, de unificação de elementos que formam um indivíduo ou um grupo”.

Como a memória pode ser herdada (POLLAK 1992), uma de suas formas de transmissão é através da tradição oral a qual é entendida como

o conjunto de narrativas que, devido a seus aspectos de estilo e de desempenho, são conhecidas por um grupo, como distintas das outras formas de comunicação cotidianas que pratica; que exigem, para sua realização, alguém que as formule oralmente para um público, devendo ambos, emissores e receptores, compartilhar de mesmo grupo de referência; que dependem, para sua existência, de realizações repetidas, embora sejam recriadas em cada situação particular em que ocorrem.

(FINNEGAN *apud* RONDELLI 1993)

Dessa forma, narrativas são contadas e recontadas, re-elaboradas, perpassando tempos e espaços, mas sem perder a sua substância.

Lévi-Strauss (1967), a respeito da narrativa mítica, afirma que “tudo pode acontecer num mito” e que elementos que parecem arbitrários “se reproduzem com os mesmos caracteres e segundo os mesmos detalhes, nas diversas regiões do mundo”. O que acontece, portanto, é que o mito possui um caráter universalista, revestido sempre com elementos ou personagens

diferentes, conforme a cultura onde é difundido, mantendo sempre a mesma estrutura, recorrendo a um tempo passado, remetendo, por exemplo, “a acontecimentos antes da criação do mundo” (*ibidem*).

Aproximando o mito da lingüística, Lévi-Strauss (1967) o opõe à poesia nos seguintes termos:

A poesia é uma forma de linguagem sumamente difícil de ser traduzida para uma língua estrangeira, e qualquer tradução acarreta múltiplas deformações. Ao contrário, o valor do mito como mito persiste, a despeito da pior tradução. Qualquer que seja nossa ignorância da língua e da cultura da população onde foi colhido, um mito é percebido como um mito por qualquer leitor, no mundo inteiro.

Segundo Leach (1970), mito é uma categoria mal definida por Lévi-Strauss e leva as pessoas a pensarem que a palavra *mito* significa uma história falaciosa ou narrativa sobre o passado como algo que não aconteceu. Por sua vez, Lévi-Strauss critica Propp por achar que este não explorou a variação dos conteúdos do mito, mas a sua forma, devido ao fato de não dispor de um contexto etnográfico.

Ao estudar a literatura oral nordestina, Julie Cavnac (1999) elucidou pelo menos três entraves encontrados pelos pesquisadores em campo: a falta de estudos recentes sobre a região; a indeterminação terminológica e, exceto Lévi-Strauss, a ausência de estudos teóricos sobre a “matéria narrativa” que não é mítica. Contudo, para se fazer uma análise das narrativas no cenário brasileiro, há um fator, segundo Cascudo (1952), de fundamental relevância que é a sua composição oriunda das três raças – índio, branco e negro.

A proposta, além da análise das narrativas, aborda a questão étnica. Dois pontos relacionados ao conceito de grupos étnicos³ devem ser abordados. São os conceitos de *etnogênese* e *etnocídio*, dentro da esfera antropológica tão bem trabalhados por João Pacheco de Oliveira, na conferência “Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais”⁴. Segundo Pacheco de Oliveira (1998),

o fato social que nos últimos vinte anos vem se impondo como característico do lado indígena do Nordeste é o chamado processo de etnogênese, abrangendo tanto a emergência de novas identidades como a reinvenção de etnias já reconhecidas.

O termo *etnogênese*, que é usado em alguns trabalhos, está freqüentemente aplicado com maior ênfase no Nordeste. Portanto, se refere a um processo de identidade étnica em surgimento ou sendo aperfeiçoado⁵, fazendo oposição ao termo *etnocídio* que é exatamente o contrário: o desaparecimento de uma etnia. Surge, portanto, a seguinte questão: como nasce (etnogênese) ou morre uma etnia (etnocídio)? Considerações indispensáveis para se pensar em tal questão podem ser analisadas na seguinte citação:

³ Segundo Cavignac (2003), grupo social, tendo um caráter fortemente endogâmico, adotam como modelo de organização social a família extensa, distribuída num território comum.

⁴ Conferência realizada no concurso para professor-titular da disciplina Etnologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 11/11/1997.

⁵ O termo ‘aperfeiçoado’ que se refere ao processo de etnogênese tem por base a ação de reconhecimento de etnia indígena pautado nas leis que a regimentam, mencionados pela prof^a Maria Rosário G. de Carvalho – UFBA – no seu artigo “De Índios ‘misturados’ a Índios ‘regimados’” (no prelo).

Um outro movimento de territorialização ocorre nos anos 70/80, quando chegam ao conhecimento público reivindicações e mobilizações de povos indígenas que não eram reconhecidos pelo órgão indigenista nem estavam descritos na literatura etnológica. Era o caso dos Tinguí-Botó, dos Karapotó, dos Kantaruré, dos Jeripancó, dos Tapeba, dos Wassu, dentre outros, que passam a ser chamados de “novas etnias” ou de “índios emergentes”.

(PACHECO DE OLIVEIRA 1998)

Mais adiante, na mesma publicação, Pacheco de Oliveira alega, sobre o processo de etnogênese que

as metáforas utilizadas, seja para descrever esse processo, seja para definir a especificidade dessas sociedades, devem ser vistas com bastante reserva e desconforto, pois comprometem a investigação com pressupostos arbitrários e equivocados. (...) Fala-se em nascimento e morte sob as imagens mais simples e diretas, algumas vezes com a desculpa de uma intenção literária, mas também na elaboração ou reelaboração de conceitos com pretensão explicativa.

(*ibidem*)

Outro elemento indispensável, concernente a investigação do “surgimento” ou “desaparecimento” de uma etnia, diz respeito à questão da terra.

A terra pode significar riqueza ou pobreza, vida ou morte, poder político e posição social ou marginalização. Para cada pessoa ou grupo social, ela tem um valor. Para um índio, por exemplo, não há como viver sem ela, pois está lhe dá moradia, alimento, trabalho, e o índio está tão integrado à terra que separar-se dela implica perder a identidade cultural. (GANCHO et al 1994)

A luta pela conquista territorial do Brasil gerou um verdadeiro etnocídio⁶, sobretudo das etnias que habitavam no litoral do país. A Lei de Terras (Lei 601 de 18/09/1850) colaborou decisivamente com a política de confisco das terras indígenas (CARVALHO no prelo). Dadas como extintas as aldeias dos índios “que vivem dispersos e confundidos na massa da população civilizada” (CARNEIRO DA CUNHA 1992 *apud* CARVALHO no prelo), a esses só restaria, em certos casos, lotes individuais de terra, já que são índios “misturados”.

Mas o que faz, então, com que, em algumas regiões, grupos étnicos, ressurgam das terras em que sucumbiram seus ancestrais, recobrando uma identidade diferencial como se estivessem fazendo a “viagem da volta” (OLIVEIRA 1999)? O que acontece, porém, para que ocorra o contrário – a imagem que se tem de si e do grupo negando a existência de uma descendência indígena?

Correlacionando narrativas e grupos étnicos, Ribeiro (1991) discursa nos seguintes termos:

a mitologia tribal discorre sobre a origem do grupo étnico e a de toda natureza. Nesta capacidade, serve aos fins emancipadores de uma etnia, assumindo o caráter de pensamento especulativo que completa o saber empírico.

Através da análise das narrativas, recorrer-se-á, na antiga Cidade dos Veados, a ícones que “formam os elementos díspares de uma visão bastante instigante da história local, tendo como característica principal a realização de sua construção por vários atores” (CAVIGNAC 1999),

⁶ Segundo Cavignac (2003), são apontadas três possibilidades para esse fator: o extermínio, a fuga e a miscigenação, geralmente, forçada.

averiguando a presença ou ausência da reivindicação de uma identidade diferencial no decurso da memória. Para isso, esta monografia está estruturada em dois capítulos abordando os seguintes conteúdos: no Capítulo I, serão apresentados os dados coletados em pesquisa de campo (descrição da pesquisa, descrição da comunidade, contador de estórias) que serão analisados no decorrer deste trabalho; no Capítulo II, serão as classificações e análises das narrativas e, logo a seguir, as considerações sobre a pesquisa. Levanta-se a seguinte questão: Pode-se, através do exame das narrativas, chegar a uma memória indígena e, mormente, após apontar elementos nativos recorrentes (sobretudo relativas ao universo simbólico), desfilas a permanência de uma lógica nativa? (WACHTEL 1993).

CAPITULO I – A PESQUISA

I.1 Descrição da pesquisa

I.2 Descrição da comunidade

I.3 Um contador de estórias

I.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

O interesse em estudar as narrativas surgiu na disciplina Etnologia Brasileira I, ministrada pela prof^a Dr^a Julie A. Cavignac. A idéia aflorou ainda mais quando a professora propôs a realização de uma pesquisa empírica sobre a questão étnica, atentando-se para verificação do processo de etnogênese – nas localidades em que há registros de aldeamentos indígenas, ao menos, nos séculos XVIII ao XX.

O grupo composto por mim e por Valdemiro Severiano Filho optou por abordar a questão indígena na cidade de Ceará-Mirim, especificamente no distrito de Rio dos Índios, porque, além dos registros históricos, este topônimo fortalecia ainda mais os indícios de remanescentes autóctones na Cidade dos Veados. Apesar dos registros históricos, a falta de um trabalho sistematizado que abordasse a questão indígena na Cidade dos Veados tornou a pesquisa árdua e ao mesmo tempo prazerosa, já que estávamos incumbidos em trazer à tona os vestígios do “outro”.

Nossas visitas a campo se iniciaram em janeiro de 2004, contatadas por Eluiza Cristina N. da Silva, até então minha aluna na Escola Estadual Interventor Ubaldo Bezerra de Melo, moradora do distrito de Rio dos Índios, e pertencente a uma das maiores famílias local, a Família Ferreira. Através dela, pudemos chegar às demais pessoas que teriam informações que precisávamos para montar um banco de dados.

No momento em que meu interesse foi despertado para questão indígena, tive que redimensionar minha proposta de monografia⁷. Deparei-me com uma situação, no mínimo, delicada: o que devo fazer, se a questão indígena se tornou a minha paixão e a questão da educação se tornou apática para mim?

A partir de então, Severiano Filho e eu, passamos a explorar o distrito de Rio dos Índios e a estudar a questão indígena com mais afinco, incorporando-nos ao grupo de estudo coordenado pela Prof^a Dr^a Julie Cavnac e pela aluna do curso de mestrado em Ciências Sociais da UFRN Eliana Quirino. Como mantivemos a parceria para a pesquisa de campo, realizamo-la no período de janeiro a julho de 2004, com visitação ao campo – Rio dos Índios – pelo menos uma vez por semana. Durante as visitas, foram feitas entrevistas, com diversos moradores da comunidade – Seu Zé Binga, D. Nega, Seu Severo, Seu Nenê, D. Neuza, D. Joana, Seu Nelson, Almir Rocha, Tânia Lima, Edna Rocha, Eraldo Matias, Eluiza Cristina (ANEXO III) entre outros – gravadas em fita k-7, quando permitido pelo entrevistado, depois em mídias no formato MP3 e, posteriormente, transcritas⁸ para análise e classificação dos dados. Durante o período de pesquisa, nos deparamos com alguns entraves como a indisponibilidade de tempo dos entrevistados, falta de consentimento para gravar as entrevistas e tirar fotografias, condições climáticas (chuva), falta de registros sobre a Cidade dos Veados, tornando a pesquisa bibliográfica mais fatigante.

⁷ Na ocasião, eu estava cursando Seminário de Elaboração de Monografia, pesquisando a questão da Evasão e Repetência no turno noturno, nas escolas de Ensino Fundamental do município de Ceará-Mirim.

⁸ Nem todas as entrevistas foram transcritas, devido a não se ter permissão para gravá-las, porém foram relatadas. As narrativas transcritas estarão disponibilizadas no site <http://www.cchla.ufrn.br/tapera>.

O ponto comum entre o trabalho de Severiano Filho e o trabalho que por ora realizo é relativo à temática indígena e o campo empírico. Em sua pesquisa intitulada de ***De Cidade dos Veados a Rio dos Índios: um olhar crítico sobre o destino indígena do povoado***, Severiano Filho enfoca a historicidade, o conceito de etnocídio, entre outros, re-elaborando a história de Rio dos Índios, a partir dos dados empíricos, sob um ponto de vista que não se privilegia vencedores ou vencidos, mas um contexto onde os interesses opostos estiveram lado a lado.

Essa pesquisa, por sua vez, fornece dados que em parte, permitem a análise e interpretação das narrativas memoradas pelos moradores da antiga Cidade dos Veados, unindo-se a ela a necessidade de se fazer a descrição da comunidade para se poder entender em que contexto elas florescem.

I.2 – DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE

O Distrito de Rio dos Índios, (que nem sempre teve esse topônimo), localiza-se no Município de Ceará-Mirim (ANEXO IV) e é subdividido em Rio dos Índios de Cima e Rio dos Índios de Baixo, situando-se a, aproximadamente, 17Km da sede do município e a 30Km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Anteriormente era denominado de Cidade dos Veados, igualmente subdividido em Cidade dos Veados de Cima – uma “mata fechada”, com poucos habitantes e de difícil acesso – e Cidade dos Veados de Baixo, onde, segundo Seu Severo, passava um rio e “uma veredazinha que passava os animais e os matutos viajando para Ceará-Mirim”, e que via de ligação aos lugarejos adjacentes.

Por permitir acesso aos demais distritos e à sede do município, Cidade dos Veados de Baixo, localizada no Baixo Vale do Ceará-Mirim e à margem do Rio dos Índios, era mais populosa, entre outros motivos, devido à fertilidade da terra na qual o fruto do trabalho agrícola era mais próspero.

No final da década de 1950 começaram a chegar, em Veados de Cima, as primeiras pessoas morando em plena mata. Com a instalação de um poço, na década de 1960, alguns habitantes de Veados de Baixo se mudaram para a parte alta, entre os quais Antônio Simeão, Genésio Pacheco, Luiz Fogo e Emídio Ferreira, todos finados.

Até a década de 1970, o povoado ainda era denominado de Cidade dos Veados, tanto pelos moradores quanto pelos órgãos administrativos do Município de Ceará-Mirim, conforme afirma Severino Emídio Sobrinho, Seu Severo, pertencente à família de Emídio Ferreira:

Na década de 60 eu via o pessoal da Sucam dizer Cidade dos Veados, localidade dos Veados, colocaram, atrás nas portas, Veados. Até nos anos 70 mesmo, eu escutava o pessoal chamar de Veados. Mais' de lá pra cá, Rio dos Índios.

Em fins da década de 1960 e início da década de 1970, é que se pode falar na mudança de nome do distrito, passando de Cidade dos Veados para Rio dos Índios. Segundo o levantamento feito no povoado, essa mudança de nome se deu quando Ubaldo Bezerra, outrora interventor do Estado do Rio Grande do Norte, vendera as terras da usina próximas ao lugarejo, a uma família vinda da Paraíba, da qual pertenciam João Úrsulo e Olidilon Coutinho, respectivamente pai e filho, cognominada pelos habitantes locais de “Os Urso⁹”.

A partir de então, Cidade dos Veados dá lugar a Rio dos Índios, pois, “Os Urso”, família que comprara a usina e as terras aos arredores, em fins da década de 1960 e meados da década de 1970, assim batizou o lugar. Alguns moradores, entre eles José Ferreira da Silva (Seu Zé Binga), afirmam que a mudança para o nome atual se deu porque aquela região era “terra de índio. De índio e tapuio”. Mas é esta uma questão delicada, pois nem todos compartilham da mesma idéia, preferindo dizer que o topônimo do lugar não tem relação com os aborígenes que em outrora eram maioria em uma terra, que segundo Pero Vaz de Caminha, “em si é de muito bons ares... E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem”.

⁹ Pelo que se nota, este cognome surge do sobrenome de João Ursulo. Vale ressaltar que a chegada desta família ao distrito causou uma certa tensão no povoado como se vê na transcrição da entrevista feita a D. Neuza: “O povo dizia assim: ‘rapaz isso era um assombro, quem comprou foi os urso”.

Nos dias atuais, é reconhecido pelo Município, no povoado de Rio dos Índios, segundo a Secretaria Municipal de Saúde de Ceará-Mirim – como consta no boletim de reconhecimento geográfico de 19.09.2003 (ANEXO V) – uma população com 274 famílias, aproximadamente 1100 habitantes, vivendo, a grande maioria, da agricultura e da criação de animais como gado, porco, ovelhas, galinhas. Possui duas escolas – Escola Municipal Conceição Marques e a Escola Municipal Emídio Ferreira –, templos católico (Capela de São Francisco de Assis) e protestantes (Igreja Evangélica Assembléia de Deus, Igreja Adventista do 7º Dia), uma creche – Fundação Pedro Ferreira de Melo –, posto de saúde, telefones públicos, associações comunitárias.

O aumento da população ocorreu no fim da década de 1990, precisamente a partir do dia 28 de junho de 1998, quando as “chuvas de junho” provocaram o desmoronamento das barreiras de Rio dos Índios de Cima, causando uma grande destruição no Rio dos Índios de Baixo, inclusive mortes:

“Foi no dia 28 de junho, no dia de quarta-feira. Pegou a chuva aqui, chueu’ sábado, chueu’ domingo, chueu’ segunda, chueu’ terça, na quarta amanheceu chuevendo. Quando foi de noite, foi o desastre lá em baixo”.

(Seu Zé Binga)

Não havendo mais condições de habitação na parte baixa, os moradores não tiveram outra opção, senão morar na parte alta, ficando Rio dos Índios de Baixo praticamente desabitado¹⁰, sendo as suas terras exploradas na área agrícola.

A vinda dos moradores para Rio dos Índios de Cima, até hoje ainda não é bem aceita pelos que já habitavam naquele lugar, pois consoantes eles,

¹⁰ Ainda permanecem, em Rio dos Índios de Baixo, três famílias que por falta de recursos não tiveram outra opção senão permanecer no lugar, mesmo sabendo os riscos que correm.

perdemos a calma porque eles só fazem bagunça, zoada;
(Dona Joana);

tem pessoas de Rio dos Índios de Baixo que tem um certo preconceito com Rio dos Índios de Cima. As pessoas falam várias vezes que foi um castigo o que aconteceu com Rio dos Índios de Baixo. Preconceito na seguinte forma, porque as pessoas falavam: 'Ei, vamos morá' lá em cima'. Aí eles diziam: 'eu vou lá morá' ali, não sei o quê, não sei o quê...' e não gostavam de Rio dos Índios de Cima. E por sinal esse povo 'tá todo morando aqui em cima. É o jeito, né? Lá acabou todo movimento depois daquele inverno que aconteceu. Mais' sempre, geralmente, pessoas do Rio dos Índios de Baixo tem preconceito com o pessoal de Rio dos Índios Cima.

(Seu Severo)

Há um episódio narrado por Seu Zé Binga que provavelmente reside em si, a divergência entre os habitantes de ambos Rio dos Índios: o levante do “Zumba do Timbó¹¹” contra “Quinca Julião”, ocorrido em duas frentes opostas, travando uma luta armada (ferro, facão – instrumentos agrícolas) por questões de terra (ANEXO VI). Mas esta é apenas uma hipótese para se tentar explicar a antipatia entre os co-habitantes, já que se trata de um levante entre dois donos de engenhos e escravos, fixados em regiões opostas daquele povoado.

O aumento populacional de Rio dos Índios contribuiu para que as manifestações populares mais representativas do distrito, entre elas – A festa do Padroeiro São Francisco de Assis e o Arraiá da Tiazinha¹² – ganhassem mais vigor, sendo consideradas festas tradicionais da comunidade.

A reunião desses dados, sobre a estrutura de organização social de Rio dos Índios, constitui-se um elemento relevante para entender o contexto social e histórico em que as narrativas são contadas.

¹¹ Capitão José Ribeiro Dantas, proprietário dos Engenhos Trigueiro e Timbó de Dentro e do sítio Barra da Levada.

¹² Essas festas ocorrem, respectivamente, nos meses de outubro e junho, sendo esta última organizada pela nora de Seu Zé Binga, Tânia Lima da Silva, também funcionária do Posto de Saúde.

I.3 – UM CONTADOR DE ESTÓRIAS

Popularmente conhecido por **Seu Zé Binga**, José Ferreira da Silva é o mais exímio contador de estória do povoado, por sua capacidade de memorar elementos constitutivos da história local.

Nascido na comunidade de Palmeiras¹³, em 14 de abril de 1921, mudou-se para Boa Vista (distrito vizinho a Rio dos Índios) e posteriormente para Cidade dos Veados, na década de 1970, e como faz questão, precisamente no dia 12 de maio de 1979, onde fixou residência até os dias atuais.

Viúvo a menos de um ano (01/10/2003), mora com seu único filho e sua nora em casa própria de alvenaria, desenvolvendo atividades agrícolas que possibilitam a obtenção dos meios materiais de sua subsistência.

Contar estórias, para Seu Zé Binga, é uma atividade que mais lhe compraz, até mesmo pelo motivo de ele ser o protagonista de muitas delas ou pelo fato de ele mesmo deixar transparecer ser testemunha ocular das situações narradas. Em algumas situações o ouvinte não consegue distinguir a barreira que separa o vivido do narrado (RONDELLI 1993). Mesmo quando ele não garante a verossimilhança do que narra, como na narrativa do *Haja-pau* – “*Olhe, isso existiu aqui... Esse passo’ passava muito na Santinha*¹⁴, *mais’ eu nunca vi esse passo’ cantá’ não. Agora, dizem, que eu não acredito, o povo diz... Mais’ aqui eu nunca vi esse haja-pau cantá’ não. Nunca vi não*” – ao

¹³ Comunidade vizinha à antiga Cidade dos Veados e onde hoje o MST reivindica desapropriação de terra para assentamento.

¹⁴ Comunidade nas adjacências de Rio dos Índios, de onde provém o Haja-pau.

narrá-la parece vivenciar a situação, já que se apropria de gestos e onomatopéias para fortalecer o que conta, fundindo “o que se diz” e “o como se diz”, produzindo um efeito enfático e garantindo um público através de uma recriação literária, re-atualizando o narrado, para si e para os seus ouvintes (*ibidem*).

Com um repertório muito variado – o que o distingue dos outros contadores de histórias do distrito e o torna ilustre –, Seu Zé Binga é o referencial de todos os moradores do povoado não só por contar histórias, mas porque ele conhece a história local bem como os atores que a compõem. Quando uma dúvida surge em relação a uma questão “antiga”, o seu parecer é bem aceito, porque é o morador “mais antigo do lugar, conhece muitas pessoas e sabe muito”.

Assim, a habilidade de contar histórias, característica que o torna um mestre da palavra, e de ser um conhecedor da história local, lhe confere autoridade, que consoante Rondelli (1993), pode assim ser traduzida:

O contar histórias é, ao mesmo tempo, demonstração de sabedoria e discurso sobre o saber como instrumento de conquista do poder e riqueza...

CAPITULO II – AS NARRATIVAS

II.1 Descrição do *corpus* narrativo

II.2 O método de análise das narrativas

II.3 As estórias de almas

II.4 As estórias de encantamentos

II.5 A análise das narrativas

II.1 – DESCRIÇÃO DO *CORPUS* NARRATIVO

Observando a fronteira entre o oral e o escrito, Cavnac (1999) afirma que não é sempre fácil estabelecer suas linhas divisórias, fazendo a seguinte indagação: “como reconhecer um conto ‘totalmente’ oral das lembranças da leitura de um folheto de cordel feita durante a infância?” Assim, há uma relação intrínseca entre a linguagem oral e a linguagem escrita, nada impedindo que um texto escrito seja transformado em uma prosa oral, numa estória de trancoso, por um ouvinte; ou que aconteça o contrário: um poeta de folhetos se aproprie de estórias de trancoso e as elabore sob a forma de poesia (RONDELLI 1993).

Essa relação entre a linguagem oral e escrita, é refletida, de certo modo, na relação entre o narrado e o vivido, tornando-se difícil de estabelecer uma tipologia dos contos maravilhosos.

As narrativas coletadas em Rio dos Índios, em especial as narradas por Seu Zé Binga, apresentam uma tipologia bastante variada, requerendo um amplo leque de classificação, mas que por ora, neste estudo, serão trabalhadas apenas as que serão classificadas por Estórias de Almas e Estórias de Encantamento.

Na análise das narrativas foram encontrados elementos e temas que testemunham a recorrência de representações simbólicas ligadas ao mundo sobrenatural: almas vêm na terra para agradecer um favor; aparecem às margens dos rios e lagoas; encarnam-se em matéria humana e, através de sonhos, podem fazer revelações ao seu escolhido, como por exemplo, revelar

o lugar onde há um botija enterrada. Almas pedem que lhe mandem rezar missas; assombram as pessoas ou apenas visitam um ente querido.

Junto ao aparecimento das almas ocorrem também os encantamentos que na sua maioria é uma metamorfose de humanos em animais, ou animais que adquirem atributos humanos, revelando a onipotência de missionários (CAVIGNAC 2003) em instituir e solidificar preceitos religiosos. Dessa forma, surge, no cenário das narrativas de Rio dos Índios, uma mulher que ao morrer se transformou em serpente por açoitar escravos; um boi que falou protestando contra o trabalho em dia santo; menino que se transformou em pássaro negro por fazer a mãe ser espancada pelo pai; menino que se transformou em um pássaro negro porque matou seu pai e carrega nas costas uma ossada, assombrando as pessoas com seu canto e com sua nova aparência; homens e mulheres que se transformam em lobisomem nas noites de sextas-feiras.

As estórias de trancoso também são narradas, mas por ora, neste trabalho, tratar-se-á do registro em anexo da estória de Gonçalo (ANEXO XIX), pois ela foge da classificação tipológica pretendida (encantamentos e almas). Nesta narrativa há uma sucessão de ações realizadas por Gonçalo, sendo acrescentados, no decorrer da mesma, elementos e personagens que vão dando o seu enredo. No seu cenário, encontram-se reis, conselheiros, feras, virgens, terras cultiváveis, cereais, caçadores, bichos.

Ao lado dessas narrativas, encontram-se também profecias de missionários, índios caçando macacos e tomando banho de rio, pessoas que tiraram botijas, tudo isso remetido a um tempo remoto onde os “antigos diziam...” (CASCUDO 1952).

II.2 O MÉTODO DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Trata-se de um estudo de caso centrado na análise das narrativas, contidas na memória, onde se buscam elementos constitutivos de uma cultura, cujas representações simbólicas, inclusive do sobrenatural, remetam a informações sobre um tempo em que a presença indígena foi notória – ou a uma identidade étnica apagada. Procurou-se apontar para mecanismos interpretativos e descobrir relações e significados, ou seja, trata-se de uma análise qualitativa, ao mesmo tempo em se que pretende descrever uma realidade.

Em um primeiro momento, as narrativas foram analisadas para posteriormente serem submetidas a uma classificação. Para se ter uma classificação plausível do conto maravilhoso, Propp afirma que “a maior parte dos pesquisadores começa pela classificação, introduzindo-a de fora no material, quando, de fato, deveria deduzi-lo a partir dele” já que

o material heterogêneo e variegado de que são constituídos os contos maravilhosos é responsável pela grande dificuldade na obtenção de precisão e clareza na resolução dos problemas relacionados com o assunto.

(PROPP 1984)

Concluída a classificação, obteve-se um corpus narrativo onde as diversas narrativas fornecem elementos que submetidos à lógica da cultura, permitem o seu entendimento e a verificação de elementos que, por ora, não se pode afirmar que reflitam a realidade ou forneçam dados objetivos sobre

fatos históricos, mas que abastece de informações sobre uma presença indígena todo aquele que intentar trilhar os caminhos dos “contos maravilhosos”.

Através do conteúdo das narrativas, elas foram classificadas em histórias de almas, recebendo a designação A1, A2, A3, A4, A5, conforme o número de narrativas submetidas à análise; do mesmo modo, para as histórias de encantamento foram designadas como L1, L2, L3, para as narrativas que tratam de lobisomem; HP, para a narrativa do Haja-pau; LV, para a narrativa do Levou e B1, B2 e B3 para as narrativas sobre botijas. Feita a classificação e a designação das narrativas, estas foram resumidas e em um quadro foram colocados os elementos incidentes em cada uma delas para a confrontação dos dados e a checagem de elementos que de fato remetam à questão em estudo. Passa-se, agora, para análise dos “contos maravilhosos”.

II.3 – AS ESTÓRIAS DE ALMAS

Dentro do acervo narrativo de Seu Zé Binga, as estórias de almas (ANEXO VII) são bastante diversificadas: ora as almas são do bem, ora as almas são do mal. Ora elas agradecem, ora elas pedem ou ordenam algo. Observem-se o resumo das narrativas abaixo:

A1

Apanhou pela primeira vez de alma na beira do rio, em um domingo. Não se defende por não vê-la. Levou três mãozadas e igualmente três quedas no rio.

- A invisibilidade da alma, as mãozadas (apanhar) e as quedas: a invisibilidade da alma está associada ao passado que se transpõe ao presente de modo agressivo (as mãozadas) ocasionando danos.

A2

Apanhou de alma pela segunda vez no rio. Noite de lua cheia, seis horas da tarde, ele vinha do trabalho e precisava atravessar o rio. Resolveu tomar banho. Quando se deu conta, um homem vestido todo de branco estava em pé na beira do rio. O homem de branco o seguiu sem que ele percebesse até chegar na ponte. Seu Zé Binga apanha da alma e cai no rio.

- Homem vestido de branco, ponte, perseguição despercebida: os vestígios do passado ligam-se ao presente, trazidos à tona sem que se perceba.

A3

Fala de sua competência em discernir alma de sonhos e das características de uma alma: ela aparece “perfeitazinha como corpo da gente”, tanto é que ele pegou na alma e disse ter “topado osso”. Alma não dá as costas a ninguém. Para se saber se é realmente uma alma basta perguntar a aparição quem pode mais do que Deus e ela diz que ninguém.

- Almas / aparição, sonhos, alma não dá as costas: o tempo passado, de tão remoto, vem à memória de modo que pode ser confundido com sonhos, no presente.

A4

Ritinha, mãe de Milton Arruda, residente em Palmeiras, morreu devendo duas cuias de farinha que havia pedido emprestado a Balbina. Ela aparece a Seu Zé Binga e põe em sua mão uma “encumendinha” e lhe pede pra entregar a Chicó para que este entregue a Balbina. Quando Seu Zé Binga abre a mão, não tem nada. Mas Balbina disse que não emprestou, porém tinha lhe dado as cuias de farinha. Novamente a alma aparece e diz o ano, 1924, em que pediu emprestado e insiste que seja pago. Chicó comprou a farinha e pagou a dívida.

- Alma reivindica pagamento de dívida: os remanescentes do passado recobram que dívidas sejam pagas mesmo aquelas que se não vêem.

A5

Em um dia de sexta-feira, vinha pelo caminho que costumava andar quando olhou para o relógio e já era 12 horas da noite. Acende um cigarro e quando olha pra ponte tem dois homens alvos, “um pegado na frente e o outro pegado atrás”, e mesmo assim resolveu cruzar a ponte passando por eles. Ao passar por eles sentiu um mau cheiro forte e só os via da canela pra cima. Não olhou para trás porque quem vê alma e olha pra trás se assombra. Quando chegou em casa olhou pelo buraco e se assombrou.

- Dois homens alvos, cruzar a ponte, mau cheiro, não pode olhar para trás, se assombra, olhar pelo buraco: (observando as demais narrativas ‘homem de branco’ aparece, sempre, junto à ponte) Marcas do passado em um lugar que une passado e presente, onde é necessário cruzar (ponte) para se chegar do outro lado. No entanto, olhar para trás – para as almas – atemoriza, por isso, além de federem, só se pode olhar para elas pelas brechas, mesmo sabendo que irá se assombrar.

Para melhor visualização das características presentes nas histórias, segue-se, na página seguinte, um quadro de análise.

QUADRO DE ANÁLISE DAS ESTÓRIAS DE ALMAS

ESTÓRIAS DE ALMAS	Comportamento da alma	Visualização	Circunstância da aparição	Lugar de aparição	Outras características
A1	Agressivo	Invisível; Mãozada.	Dia de domingo	Beira do rio	Impossibilidade de defesa por não ver a alma.
A2	Agressivo Medonho	Homem vestido de branco.	6 horas da tarde; Lua cheia.	Beira do rio; Ponte.	Seguiu seu Zé Binga até a ponte sem que ele percebesse.
A3	Pede algo	Materializada na forma humana (de carne e osso); Não dá as costas; Sonho.	-	-	A alma fala: "ninguém pode mais que Deus".
A4	Pagar dívida	Forma humana de mulher;	Ano de 1924.	Distrito de Palmeiras	Apareceu duas vezes até que a dívida seja paga.
A5	Assombrar	Dois homens alvos; Mau cheiro; Visibilidade das pernas pra cima.	Sexta-feira; 12 horas da noite.	Caminho habitual; Ponte.	Não se pode olhar para trás porque se assombra; Um pegado na frente e outro atrás; Olhar para trás pelo buraco;

Em suma, pode-se dizer, que na sua totalidade, as almas são reminiscências do passado, que aparecem em lugares variados – ponte, rio, distrito de Palmeiras –, conversam com quem se lhes apresenta – pedem, pagam dívidas, agridem, assombram –, têm cheiro, sexo – homem vestido de branco, homem alvo, mulher –, se materializam na forma humana ou simplesmente ficam invisíveis.

II.4 – AS ESTÓRIAS DE ENCANTAMENTOS

Dentro das estórias de encantamento (ANEXO VIII) três tipos de estórias tiveram destaque: as estórias de Lobisomem, a do Haja-pau e de botija, sendo as duas primeiras caracterizadas pela metamorfose de humanos em animais e a terceira caracterizada por objetos encantados que transcendem a natureza humana.

Enquanto nas narrativas de Lobisomem o encantado pode oscilar entre uma forma humana e uma forma animal, podendo ainda ser desencantado para sempre, na estória do Haja-pau, uma vez que se sofreu uma mutação para forma animal, a volta ao estágio inicial é irreversível. Não há como se desencantar e o ser metamorfoseado foi sentenciado a viver cingido a sua forma animal. Observe resumo das narrativas abaixo:

L1

Luta que Zé Binga com um lobisomem o qual ele bem conhecia: era o finado Leôncio, de Santa Tereza, a quem ele agradava. Apesar de o agradar, lutou contra ele, transformado em lobisomem, em um dia de sexta feira quando voltava pra casa. De supetão, um bicho negro grande, ligeiro, de patas viradas para trás aparece-lhe em frente. Neste momento, o lobisomem salta sobre Seu Zé Binga que apesar de estar com uma faca na mão, está paralisado. Seu Zé Binga tenta ser reconhecido pelo lobisomem. Sem êxito, resolve matá-lo, mas paralisado, não sai do lugar e o lobisomem o ataca. Terminada a luta, Seu Zé Binga estava desorientado no mato. Quando amanheceu, não havia as marcas do lobisomem no chão, apenas as suas. Foi ter com Seu Leôncio que estava todo inchado e lhe interrogou sobre o ocorrido. Seu Leôncio nega tudo, mas Seu Zé Binga não se convence.

- Ligeiro, salta, não deixa marcas: o ser metamorfoseado só aparece à noite e a uma pessoa. Não deixa marcas, não pode ser seguido.

L2

Um dia chegou em casa de quase meia-noite, quando morava no distrito de Palmeiras. Abriu a janela onde o gato ficou de cócoras. Deitou-se em uma rede e de repente, o lobisomem que dá um salto mais rápido do que de gato, saltou e pegou o gato que estava na janela. Seu Zé Binga pegou uma espingarda e atirou no lobisomem que ainda estava no terreiro. O lobisomem entrou pela mata. De manhã só tinha os rastros dele no chão e a certeza de tê-lo desencantado com o tiro de espingarda.

- Rapidez, salta, tiro de espingarda, desencantado, deixa rasto: rápido para correr e saltar, tanto para atacar como para fugir, após tiro de espingarda (bala, ferimento, sangue), perde o encantamento e deixa marcas.

L3

Para virar lobisomem, a pessoa tira a roupa às avessas, em um dia de sexta-feira, e no chão em que um burro se espojar, a pessoa se embola por três sextas-feiras. Seu Zé Binga conheceu um homem que virou lobisomem por nove anos e tinha vontade de desencantar. Tinha virado lobisomem pra correr porque lobisomem é muito ligeiro.

- Roupas às avessas, lugar onde o burro se espoja, encantar: ritual de encantamento. Imersão no mundo sobrenatural

HP

Na Santinha, em um dia de sábado, o pai foi para o trabalho na roça e a mãe lhe disse que não tinha o que comer, mas ia matar um frango e mandava pelo filho. No caminho, o filho come a carne do frango deixando apenas os ossos. Entrega ao pai dizendo que a mãe comeu tudo com um macho. O pai furioso chega em casa, espanca a mãe, e o filho em um canto grita: “-Haja-pau, haja-pau!”. Foi se transformando em um pássaro negro, que só voa à noite, assombrando e beliscando as pessoas de Rio dos Índios e da Santinha.

- Menino mente para o pai, pai espanca a mãe do menino, menino vira pássaro negro: transgressão a regras instituídas. Metamorfose como consequência de violação da regra.

LV

Um menino que era ruim para o pai, o matou e se transformou em um pássaro negro que leva nas suas costas os ossos do pai morto. Com sua aparência horrenda, só aparece à noite assombrando as pessoas.

- Menino mau mata o pai: transgressão a regras instituídas. Inversão de valores (filho pode mais que pai) tendo como consequência, por ter violado a regra, a metamorfose do menino.

B1

Seu Zé Binga fala sobre duas botijas que recebeu através de sonho, mas não foi arrancá-las, permanecendo lá até hoje no mesmo lugar. Afirma que o neto de Chico Fogo tirou uma “panela”.

- Botija, sonho: as botijas remetem a um passado onde as estruturas sociais ainda não comportavam entidades que garantissem segurança de seu tesouro.

Assim, botijas são “tesouros” / fatos passados escondidos que podem ser revelados por sonhos e nem sempre podem ser desenterrados.

B2

Quando se tira uma botija tem que se mudar do lugar de onde a tirou senão morre alguém da família. Perto do cajueiro grande, na fazenda, onde passava uma cerca, as estacas transpassaram e não quebraram o caixão. Uma velha que morava perto viu que foi Nequinho Arruda quem arrancou a botija. Após quinze dias o filho dele adoeceu e disse que sua parte na mina desse a sua irmã Alice. Seu pai achava que era ilusão da febre, mas seu filho morreu. O velho Nequinho que era pescador e tirador de junco para fazer esteira de cangaia mudou de sorte porque ele não tinha nada.

- Mudança do lugar, desgraça / morte: desterrar o passado tem sentido ambivalente: à medida que se ganha, se perde. Desterra-se o “tesouro” mas não se pode permanecer no mesmo lugar (esquecimento) porque virão as maldições.

B3

Uma moça que morava na Usina São Francisco estava varrendo o quintal quando achou três moedas, seqüencialmente, uma de cada vez, cada uma maior que outra, sendo a terceira maior de todas. À noite, apareceu-lhe um velho incomodando-a. Na outra noite, apareceu novamente dizendo que onde achara a terceira moeda tinha uma mina e que ela chamasse outra moça e fosse tirá-la. Quando ela começou a cavar o buraco, seu pai não deixou e com uns dias resolveu se mudar para Ceará-Mirim. A partir de então, a moça foi atormentada pelo velho todas as noites e suas roupas apareciam rasgadas. Sem sair mais de casa para lugar algum, só saiu para visitar o Padrinho Frei Damião que lhe disse: “- Vá que você está curada. E vou lhe dá um toque: isso é coisa do ‘sujo’*!”.

*Sujo: diabo

- Aparição do velho, revelação da botija, pai impede de cavar buraco: as marcas do passado ressurgem e são impedidas de emergirem.

QUADROS DE ANÁLISE DAS ESTÓRIAS DE ENCANTAMENTO

LOBISOMEM	Comportamento do lobisomem	Reação do encantado	Visualização	Circunstâncias (Lugar)	Outras características
L1	Agrada; Rapidez; Luta; Paralisado; Desorientado na mata; Salta ligeiro; Seu Zé Binga decide matar o lobisomem	-	Negro; Animal (porco gigante); Não deixa marcas no chão; Quando volta a forma humana fica inchado; Patas viradas para trás;	Seu Zé Binga voltava pra casa; Sexta-feira à noite; Amanheceu; Santa Tereza;	Seu Zé Binga tenta ser reconhecido pelo lobisomem; Seu Zé Binga está armado com faca;
L2	Salta; Rapidez; Encantamento.	Desencantar	Ficou o rastro no chão	Distrito de Palmeiras; Meia-noite; Lobisomem adentra na mata; Manhã;	Gato é pego pelo lobisomem; Atirou com espingarda no lobisomem; Seu Zé Binga desencanta o lobisomem;
L3	Encantamento; Rapidez	Vontade de desencantar.	Tira a roupa às avessas;	Dia de sexta-feira;	Lugar onde um burro se espojou; Durante três sextas-feiras embola-se no chão;

HAJA-PAU LEVOU	Comportamento	Ação que desencadeia o encantamento	Aparência adquirida com o encantamento	Ação do ser encantado	Lugar de aparição
HP	Menino ruim para a mãe;	Menino mente para o pai; Pai espanca a mãe do menino; Menino é encantado.	Pássaro negro	Assombra as pessoas e dá bicadas	Santinha; Rio dos Índios;
LV	Menino ruim para o pai;	Menino mata o pai;	Pássaro negro que carrega a ossada do pai nas costas;	Assombra as pessoas com sua aparência horrenda e seu canto;	Rio dos Índios

BOTIJAS	Circunstâncias em que se recebe uma botija	Aspectos da botija	Fenômenos	Presença de mistério	Condição final
B1	Sonhos	Uma panela	-	-	Não tirou a botija-
B2	-	Um caixão	Morte na família Mudar do lugar;	Uma estaca atravessou o caixão da botija e não o quebrou;	Nequinho Arruda tirou uma botija melhorou de vida; Morte do filho;
B3	Noite	-	Velho passa a incomodar a moça toda noite; Todas as roupas da moça aparecem rasgadas; A mina foi dada a duas moças;	-	Começou a cavar o buraco, mas não tirou a botija porque seu pai não deixou Foi curada pelo padrinho Frei Damião; Frei Damião diz que isso era coisa do sujo;

De um modo geral, as narrativas de encantamento sobre lobisomens e botijas apresentam elementos que conduzem a uma evasão do tempo – botijas estão enterradas, lobisomens não deixam marcas, pessoas que tiram botijas mudam de lugar senão morrem, pois recaem sobre si desgraças. Nas narrativas do Haja-pau e do Levou, a mesma estórias assume versões diferentes: encantam-se por serem malevolentes com os pais (ora com a mãe, ora com o pai). Viram pássaros negros, como também são negras as sombras de um passado que não se faz questão em lembrar.

A partir de então, se pode elaborar um quadro geral das estórias narradas:

QUADRO GERAL DE ANÁLISE DAS NARRATIVAS

	Características	Visualização	Presença do misterioso / fenômenos	Circunstâncias da aparição
ALMAS	Aparecem; Conversam; Têm cheiro; Têm sexo; Assombram; Pedem; Pagam dívidas.	Invisível; Alvo; Branco; Humanizada (carne e osso); Vista das pernas pra cima.	Dão coisas que desaparece sem explicação;	Ponte; Rio; Caminho.
LOBISOMEM	Salta; Luta; Rapidez;	Bicho negro; Forma animal; Rastro no chão.	Encantamento; Desencantamento.	Sexta-feira; Noite; Mata; Santa Tereza; Distrito de Palmeiras.
BOTIJAS	Enterrada; Buraco;	Panela; Caixão.	Uma estaca atravessou o caixão e não o quebrou; Desgraça; Morte na família;	Sonho; Noite
HAJA-PAU	Menino ruim para mãe;	Pássaro negro;	Encantamento.	Noite; Santinha; Rio dos Índios.
LEVOU	Menino ruim para o pai;	Pássaro negro que carrega a ossada do pai nas costas.	Encantamento.	Noite; Rio dos Índios.

II.5 – A ANÁLISE DAS NARRATIVAS

Chegando no final da investigação, temos a impressão de ter atingido um 'grande mito virtual' escondido atrás das correlações existentes entre as diferentes narrativas.

(CAVIGNAC 1999)

As unidades constitutivas das narrativas, classificadas por Lévi-Strauss (1967) de mitemas e por Propp (1984), de motivos, se entrelaçam numa malha que, no conjunto das narrativas, de fato, dão a impressão de constituírem uma narrativa maior. Parece haver um mundo onde lobisomens, almas, botijas e outros seres encantados coabitam com o homem, recriando o tempo e o espaço.

Assim, manifestações do passado no presente, podem ser percebidas pela referência que se faz a almas e botijas. Não se pode olhar para trás quando se vê uma alma (porque se assombra) e não se pode permanecer no lugar quando se tira uma botija (senão recai maldição sobre si). Dessa forma, alma e botijas surgem nas narrativas como metáforas do esquecimento. O lobisomem, ser encantado, revela a recorrência do sobrenatural. Característico por sua rapidez, não deixa marcas. As marcas do passado são apagadas. Ao lado do Haja-pau e do Levou, sofrem metamorfoses, escamoteando a forma humana. Só se vê, quando se vê, um bicho negro que é rápido, fugitivo e pode desencantar. As narrativas do Haja-pau e do Levou contam a mesma estória em versões diferentes: numa, a mãe é espancada; noutra, o pai é morto e em ambas a ave negra de hábitos noturno de aparência horrenda, em que se transformaram, assombra os homens.

Partindo dessa análise, pode-se perguntar, então: onde estão os índios que até o século XIX habitavam na Cidade dos Veados? “Foram todos embora pro Pará. Não existe mais isso aqui não!” (Seu Zé Binga). Preferiu-se deixar no esquecimento: essas almas aparecem e pedem... E se elas pedirem as terras de volta? É melhor não olhar para trás. Olhar para trás causa pavor. Deixem as botijas enterradas... Tirá-las tem que se mudar de lugar... Eu já tenho minhas terras... Para que botija? Cavar buraco?

Registros históricos atestam, segundo Nestor Lima (1990), que terras foram doadas na Cidade dos Veados, a índios vindos da missão do Guajiru. Há registros de índios que disputavam terras com fazendeiros, escravos em engenhos. Mas por que os índios que habitaram Cidade dos Veados desapareceram como lobisomens, sem deixar marcas? Metamorfosearam-se? Seria a miscigenação essa metamorfose?

O que se percebe, portanto, no contexto das narrativas coletadas, é a aparição de elementos que emergem como metáforas do esquecimento, e ao mesmo tempo, fornecem dados que comprovam a existência da autoctonia de um povo. Ressalta-se a importância da memória, nas narrativas contadas, já que segundo Pollak (1992), ela é seletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um missionário que veio lá de Ceará-Mirim rebolou um caroço de cajá pra riba e disse: ‘a igreja de Ceará-Mirim há de ser cama de uma baleia, Taipu há de ser porto de embarcação’”.

(Seu Zé Binga)

Rememorada por Seu Zé Binga, a narrativa profética acima remete a um tempo passado impreciso – “naquele tempo...”, “os antigos diziam...”, “no tempo em que os animais falavam...”, “faz muito tempo...” – fazendo menção a um tempo futuro onde a indeterminação se amplia, subsistindo no presente através da memória e da tradição oral.

Nas narrativas, o tempo é anulado pelo caráter reversível que assume, ou seja, “os episódios se inscrevem num tempo cíclico, que sempre retorna e é reencenado nos ritos” (RIBEIRO 1991). Conforme Lévi-Strauss (1967), a estrutura do mito “se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro” o que faz com que o tempo mítico seja inexistente.

O espaço sobrenatural, nas narrativas, se confunde com a natureza onde os elementos míticos são inseridos na paisagem, definindo a geografia. Dessa forma, o espaço mítico é criado, recriado e adaptado as mais variadas situações, subsistindo, na memória, ao lado de lobisomens, almas que aparecem, meninos que sofrem metamorfoses, botijas que são desenterradas, enfim, de vultos que remetem a um passado colonial (CAVIGNAC 1999).

É partindo dessa discussão que se entendem as entrelinhas das narrativas, e se extraem informações que se não conferem dados objetivos a fatos históricos e práticas sociais de uma coletividade, refletindo a própria

realidade, ao menos, permitem resgatar, através da memória, os vestígios de uma de uma presença indígena, fazendo, assim, uma aproximação das narrativas com a idéia de mito de origem das tribos indígenas.

Através da análise das narrativas chega-se à construção de um banco de dados que fornece subsídios para o tema em questão: o estudo da memória de descendentes das populações nativas na Cidade dos Veados, a partir das narrativas memoradas. Nelas, verificou-se que a incidência das representações simbólicas, sobretudo as ligadas ao mundo sobrenatural, articulada ao contexto histórico permite a interpretação dos dados coletados que confirmam a presença marcante de povos indígenas no local, até pelo menos no século XIX e, que nos dias atuais, os seus descendentes são indiferentes ao assunto.

As marcas de uma colonização brutal ainda produzem seus frutos. A negação de si mesmo, para si e para os outros, como descendente indígena demonstra um artifício de fuga da sua própria identidade que ficou ultrajada na história através da exploração dos índios, da usurpação das suas terras e da imposição de uma outra cultura. Castrou-se do outro a singeleza e a singularidade de ser o que é!

Compreender a idéia de etnocídio é ir além de fatores objetivos que expressam a luta pelos interesses materiais de subsistência e dominação: por mais que o índio fosse dizimado pelas lutas e guerras, fugisse ou fosse miscigenado, e não lhe furtassem o seu “eu”, culturas não teriam desaparecido por completo mesmo estando seus descendentes ainda vivos.

Retorna-se a seguinte indagação: Mas o que faz, então, com que, em algumas regiões do Brasil, grupos étnicos, ressurgam das terras em que

sucumbiram seus ancestrais, recobrando uma identidade diferencial como se estivessem fazendo a “viagem da volta” (OLIVEIRA 1999)? Trata-se da reivindicação de uma identidade redescoberta e absorvida que “corresponde à produção de novos sujeitos políticos, novas unidades de ação social¹⁵” (ARRUTI 1997).

No caso específico de Rio dos Índios, outrora Cidade dos Veados, as narrativas e os documentos históricos¹⁶ analisados fornecem informações que comprovam a existência de, até pelo menos no século XIX, índios habitando a região. Esta comprovação ainda não expressa, hoje, a idéia de etnogênese no local, já que não há reivindicação de uma identidade diferencial.

Dona Nega relata que segundo o povo e, em particular, o mais exímio contador de estórias da região – Seu Zé Binga –, dizem que sua avó foi “pega a casco de cavalo” e só! Que outro significado possui esta expressão senão “dizer que foi raptada pelos primeiros colonizadores europeus” (CAVIGNAC 1999)? Segundo dona Joana, “a avó de Nega tinha a venta furada”: seria apenas um acessório da moda daqueles anos do século XIX? Ou seria um sinal diacrítico de uma cultura diferencial? Dona Joana nega ter sangue de índio, mas afirma: “eu num tenho sangue de índio não! Tenho sangue de caboco’. Meu avô disse que era caboco’!”. O que é, então, o caboclo senão o resultado da miscigenação do índio com o branco? E por que muitos moradores da antiga Veados, como as já citadas dona Nega e dona Joana, se vêem sem descendência e distantes daqueles que “agora são gente” – os índios – mesmo sabendo que algum parente seu foi ‘pego a casco de cavalo’,

¹⁵ Para tanto, se destacam trabalhos de pesquisadores como Julie A. Cavnac (2003), João Pacheco de Oliveira (1999), Manuela Carneiro da Cunha (1987), Maria do Rosário Carvalho (no prelo), José Maurício Andion Arruti (1997), entre outros.

¹⁶ Ver pesquisa realizada por Valdemiro Severiano Filho: *De Cidade dos Veados a Rio dos Índios: um olhar crítico sobre o destino indígena do povoado*. (Referência bibliográfica citada).

tinha a venta furada ou sangue caboclo? Observa-se, com isso, que a investigação realizada é a alavanca que conduzirá este trabalho a projetos mais abrangentes.

Refletir sobre a questão indígena na Cidade dos Veados, através das narrativas e memória indígena do povoado é um exercício instigante e revelador de fragmentos que constituem um universo mais amplo que é o da cultura nacional. Segundo Bornheim (1987 *apud* França:2003), “através do elemento dito ou escrito, algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui a tradição e nos constitui.”

Assim, desvendada a estrutura das narrativas, informações de caráter histórico e práticas sociais são desveladas:

A análise comparada entre textos que, geralmente, adotam uma forma narrativa ou enunciados orais não formalizados que abrigam “pedaços míticos”, nos permite visualizar como os atores reelaboram a sua história e sua identidade.

(CAVIGNAC no prelo)

As narrativas, portanto, são também os modos de expressão de um memória viva, sempre realizada em termos locais pelos atores, sempre reatualizada em termos locais pelos atores; memória que lembra um passado mas também um lugar de origem e funda uma identidade (ibidem).

“- Seu Zé Binga, tem uma história, que falam, dos Urso...
- Eu sei do Timbó. Que’ que eu conte?
- Sim!
- O boi, no Timbó, era escravo. Aí, no domingo...”

...

BIBLIOGRAFIA

ARRUTI, JOSÉ MAURÍCIO ANDION. *A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas.* MANA, vol.3, n. 2. out. 1997.

BOSI, ECLÉA. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos.* 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CARNEIRO DA CUNHA, MANUELA. *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.* São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

CARVALHO, MARIA DO ROSÁRIO G. DE. *De índios 'misturados' a índios 'regimados'.* IN: Maria Rosário de Carvalho e E. B. Reesint (orgs.). *Negros no mundo dos índios: imagens, reflexos, alteridades.* (no prelo).

CASCUDO, LUIZ DA CÂMARA. *História da Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1952.

CASCUDO, LUIZ DA CÂMARA. *Geografia dos Mitos Brasileiros.* Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 1983. (Reconquista do Brasil; Nova Série; V. 78).

CASTRO, PAULO VENTURELE DE PAIVA. *Dinâmica Urbana de Ceará-Mirim – RN.* RN: CERN – Cia Editora do R.G.N, 1992.

CAVIGNAC, JULIE. *A etnicidade encoberta: “índios” e “negros” no Rio Grande do Norte* MNEME. v.4 – n. 8 – abr. / set. de 2003.

CAVIGNAC, JULIE. *Mémoires au quotidien. Histoire et récits du sertão du Rio Grande do Norte (Brésil)*. Université de Paris X, Nanterre, thèse de doctorat nouveau régime (ethnologie et sociologi comparative). [dir.: Jacques Galinier], 1994.

CAVIGNAC, JULIE. *Mito e memória na construção da identidade local*. (no prelo).

CAVIGNAC, JULIE. *Vozes da tradição: reflexões preliminares sobre o tratamento do texto narrativo em Antropologia*. In: Horizontes Antropológicos – Cultura Oral e Narrativas: Porto Alegre, ano 5, n. 12, dezembro de 1999.

CHAUÍ, MARILENA. *Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

FRANÇA, MARIA EDNA ALVES DA SILVA. *Cabocolinhos de Ceará-Mirim: uma estória cultural*. Natal: UFRN, 2003.

GANCHO, CÂNDIDA VILARES. *et al. A posse da terra*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1994. (Série Princípios).

GASPAR, DENISE PEREIRA. *O mundo encantado de Ruy Antunes Pereira*. Natal: Econômico, 1995.

HALL, STUART. *A identidade cultural na Pós-Modernidade.* 4ª ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

LEACH, EDMUND. *As Idéias de Lévi-Strauss.* 2ª ed. São Paulo: Editora Curtix, 1970.

LE GOFF, JACQUES. *História e memória.* 3ª ed. São Paulo: Unicamp, 1994.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. *A Estrutura dos Mitos.* In: Antropologia Estrutural, Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. *Mito e Significado.* Lisboa: Ed. 70, 1987.

LIMA, NESTOR. *Municípios do Rio Grande do Norte: Ceará-Mirim e Currais Novos.* Mossoró: Coleção Mossoroense, série C, 1990.

PACHECO DE OLIVEIRA, JOÃO. *Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais.* Mana, n. 1, vol.4, abril 1998.

PACHECO DE OLIVEIRA, JOÃO. *"A viagem da volta" – reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas do nordeste.* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.

POLLAK, MICHAEL. *Memória e Identidade Social, Estudos Históricos.* **IN:** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 10, 1992.

PROPP, VLADIMIR. *Morfologia do Conto Maravilhoso.* Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.

RIBEIRO, BERTA G. *Literatura oral indígena – O exemplo Desâna.* Ciência Hoje, Rio de Janeiro, vol.12, n. 72, abril / maio 1991.

RODRIGUES, FRANCISCO DE ASSIS. *Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição.* Rio Grande do Norte: Fundação José Augusto, 1996.

RONDELLI, BETH. *O narrado e o vivido.* RJ: FUNARTE / IBAC, 1993.

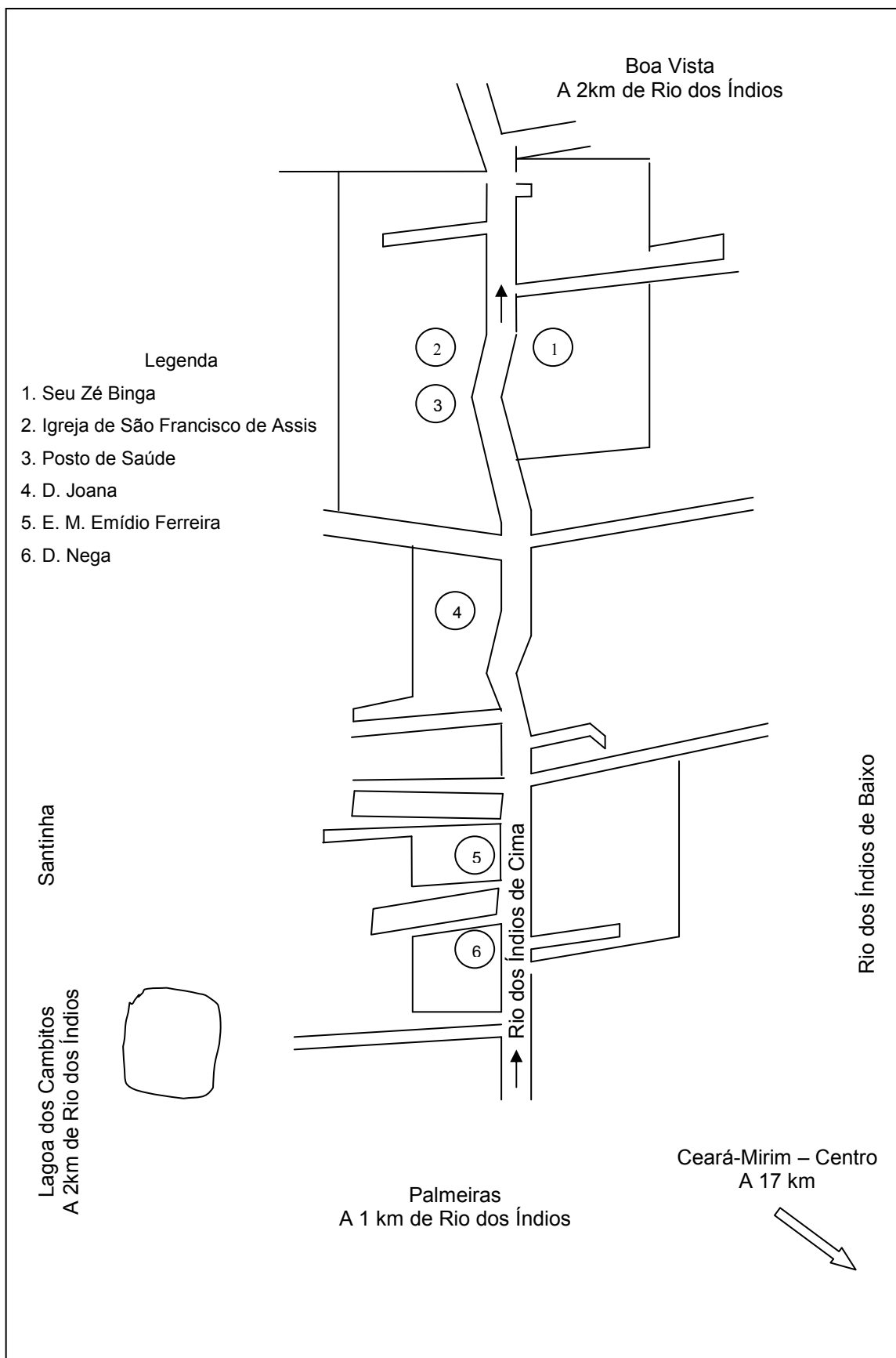
SEVERIANO FILHO, VALDEMIRO. *De Cidade dos Veados a Rio dos Índios: um olhar crítico sobre o destino indígena do povoado.* Natal: UFRN, 2004.

SANTOS, IDELETTE MUZART FONSECA DOS. *Voz, memória, identidade: cantos tradicionais de mulheres brasileiras.* **IN:** XIX Fillm International Congress.

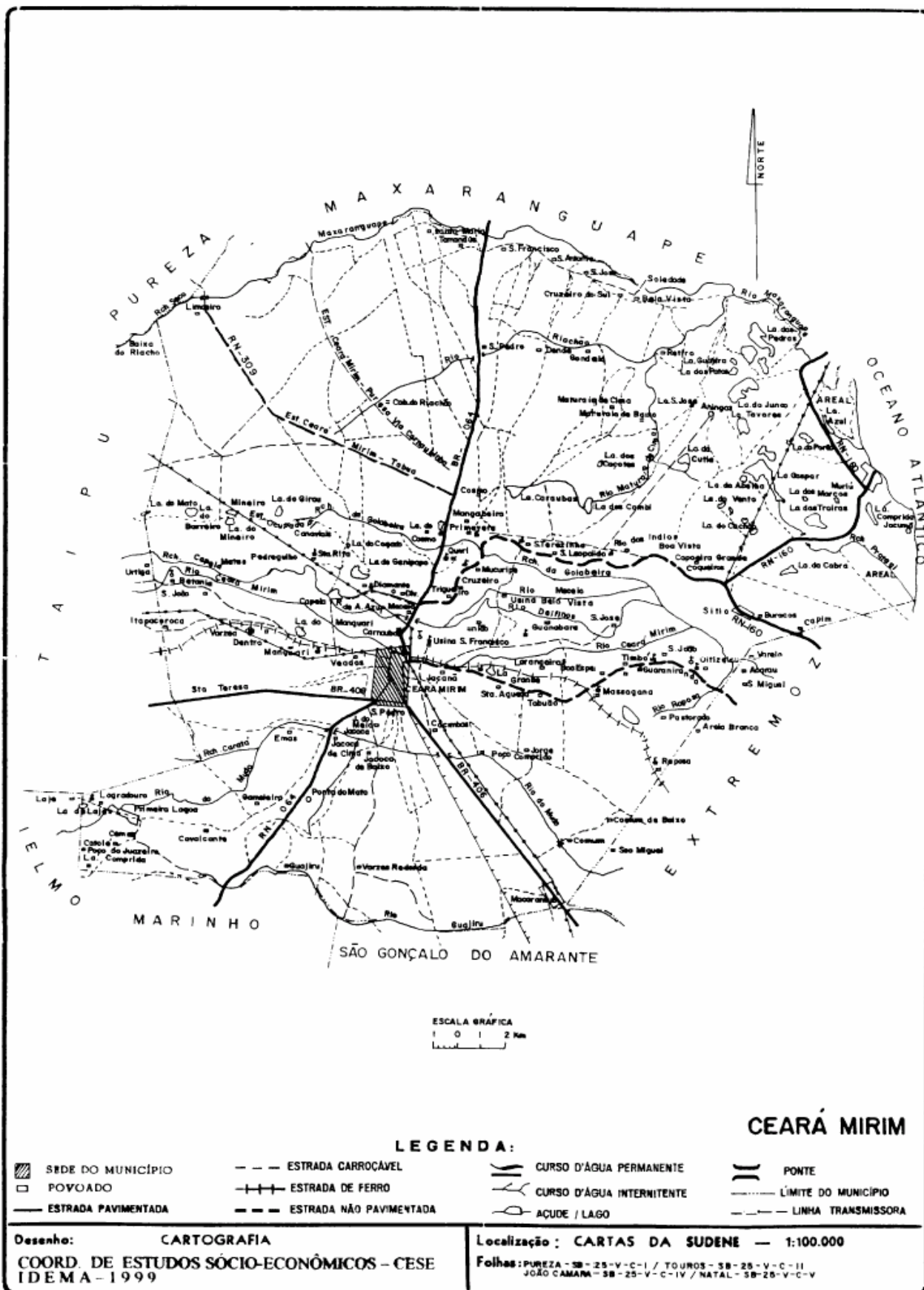
WACHTEL, M. NATHAN. *Aula Inaugural – Cátedra de História e Antropologia das Sociedades Meso e Sul-Americanas. França, 2 de abril de 1993.* (Tradução de Julie Antoinette Cavnac e Luiz Antônio de Oliveira). (no prelo).

ANEXOS

ANEXO I – CROQUI DE PLANTA BAIXA DE RIO DOS ÍNDIOS DE CIMA



ANEXO II – MAPA DE CEARÁ-MIRIM



ANEXO III – HISTÓRIA DE VIDA DOS ENTREVISTADOS

José Ferreira da Silva (Seu Zé Binga – Agricultor aposentado – 84 anos): nasceu no dia 14.04.1921, no distrito de Palmeiras, próximo a Rio dos Índios. Mudou de residência três vezes: respectivamente, Palmeiras, Boa Vista e Rio dos Índios. Seu pai nasceu em São Paulo do Potengi; sua mãe em Pureza (Pau Ferro), sua esposa em Boa Vista, seus avós em São Paulo do Potengi e seu filho em Rio dos Índios.

Fixou residência em Rio dos Índios em 12.05.1979. Casado apenas uma vez, teve um único filho, ficou viúvo em 01.10.2003, aos 83 anos de idade. Relatou ter outros três filhos de relação extraconjugal e um deles, a filha adolescente, reivindicou os direitos da paternidade na justiça e recebeu indenização de R\$ 200,00. Foi deserdada da herança das terras. Mora em casa própria de alvenaria e é proprietário de terras no distrito. Comprou as terras por R\$ 12.000,00 e gastou R\$ 25.000,00 para tirar as pessoas que habitavam nela. Diz que “terra não se vende, se negocia”. Mesmo assim, doou os terrenos da casa de farinha e da Capela de São Francisco, a qual ele construiu com seus próprios recursos. Segundo ele, o terreno onde foi construído o Posto de Saúde é seu, não foi doado nem vendido como muitos pensam, mas não o reivindica porque “quando o Estado me fizer alguma cobrança eu digo: ”eu não devo ao Estado. O Estado é quem me deve”. Além do trabalho agrícola, que desenvolve até hoje, desenvolveu atividades ligadas a pesca e a pecuária. Nas suas terras são plantados feijão, batata-doce e mandioca. Esta é vendida e aproveitada para o pequeno rebanho bovino que possui. Diz ter alcançado índios no distrito e que em sua família teve caboclo. Contador de estórias mais conhecido da comunidade, assegura ter um repertório incomensurável.

Neuza Gomes Ferreira (Dona Déia – Agricultora – 65 anos): nasceu no dia 17.04.1939, no distrito de Quixabeira, município de Touros (RN). Não se lembra da data em que chegou no distrito, mas diz que na ocasião, em que ainda era menina, sua irmã mais velha tinha 10 anos de idade. Lembra-se que Cidade dos Veados de Cima era uma mata. Mudou de residência 6 vezes, fixando residência em Rio dos Índios. Seu pai nasceu na Cidade dos Veados (Rio dos Índios); sua mãe, em Quixabeira (Touros); seu esposo, em Lagoa do Serrote (Município de Poço Branco); seus avós, em Quixabeira e seus filhos, em Rio dos Índios.

Casada, teve 11 filhos dos quais 01 mora em Natal; 03 na sede do município; 01 em Canto de Moça, distrito de Ielmo Marinho e os demais, em Rio dos Índios. Mora em casa própria de alvenaria de 05 cômodos, com o marido e uma filha.

Severino Emídio Sobrinho (Seu Severo – Agricultor – 50 anos): pertencente à família de Emídio Ferreira, um dos primeiros a se mudar de Veados de Baixo para Veados de Cima, nasceu no dia 05.05.1954, no referido distrito. Mudou de residência duas vezes: de Veados de Baixo se mudou para Veados de Cima. Viajou para São Paulo, onde passou um período de 1975 a 1980 quando retornou a Rio dos Índios. Seu pai nasceu em São Pedro do Potengi; sua mãe, em Alto da Arueira (Exu Queimado – Paraíba); seu pai, no distrito de Palmeiras (Ceará-Mirim); seus avós, em São Pedro do Potengi e seus filhos, em Natal. Mora em casa própria de alvenaria que comporta 5 cômodos, onde mora com sua esposa e 3 filhos. Além da agricultura, cria um pequeno rebanho bovino.

Retornou aos estudos em 2002, no programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA – na Escola Municipal Conceição Marques, situada no próprio distrito; em 2003, ingressou na Escola Estadual Barão de Ceará-Mirim, onde está cursando supletivo do Ensino Fundamental.

Edvaldo Domingos de Araújo (Seu Nenê – Agricultor – 66 anos): nasceu no dia 16.04.1938, em Cidade dos Veados. Mudou de lugar duas vezes: Coqueiros, distrito circunvizinho, e Mato Grosso. Seu pai nasceu em Cidade dos Veados; sua mãe, em Primeira Lagoa (distrito de Ceará-Mirim); sua esposa, em Caiçara do Rio dos Ventos; seus avós, em Cidade dos Veados e seus filhos, em Rio dos Índios, Ceará-Mirim (sede do município) e Natal. Casado, teve 15 filhos, dos quais um é falecido. Mora em casa própria, com 9 cômodos, de alvenaria, onde coabitam 8 pessoas. Participa do MST que está acampando no distrito de Palmeiras, esperando a liberação das terras para assentamento.

Ivonise Ferreira de Melo (Dona Nega – Agricultora – 63 anos): morava em Canajé, mudou-se para uma fazenda próxima a Cidade dos Veados e, depois, para esta. Conta que sua avó materna foi “pega a casco de cavalo” e que as pessoas, quando ela era adolescente, chamavam-na de índia porque sua aparência física era de uma índia. Dona Nega relata que não gostava que a chamassem de índia. Afirma que “se fosse parente mesmo, a gente tinha que

gostar. Os índios não são mais brabo' não. Eles antes flechavam e gostavam de rasgar as pessoas, mas hoje eles já são todos manso”.

Dona Joana (Agricultora – 70 anos): Nascida em 24.06.1934, diz não ter sangue de índio, mas admite ter sangue caboclo porque seu avô era caboclo. Falou que a mãe de d. Nega tinha a venta furada.

ANEXO IV – DADOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE CEARÁ-MIRIM¹⁷

A história da povoação do Ceará Mirim está ligada aos índios Potiguares que viviam às margens do Rio Pequeno, depois chamado Rio Ceará Mirim, e que de maneira clandestina comercializavam o pau-brasil com os franceses e os espanhóis, recebendo em troca especiarias e, por último, com os portugueses, seus colonizadores. O pau-brasil existente em quantidade na região era transportado através de um rudimentar sistema de navegação, aproveitando as águas do Rio Gramoré.

Os portugueses, juntamente com Antônio Felipe Camarão, o famoso índio Poty, que chefiava a tribo dos Potiguares, tomaram a iniciativa no sentido de organizarem um povoamento. Fundaram um convento na aldeia do Guajiru, e numa área de terra concedida aos Padres da Companhia de Jesus, construíram uma igreja, um prédio destinado a cadeia e a Câmara Municipal. Com o trabalho desenvolvido na organização do povoado, os padres conquistaram a estima dos índios de Guajiru. Os índios estavam satisfeitos com os padres jesuítas; os colonizadores portugueses não; pois, queriam as terras férteis do vale e para isso procuraram afastar do caminho a presença incômoda e ética dos jesuítas. Com o afastamento dos jesuítas, os colonizadores portugueses passaram a administrar sem a presença do elemento religioso e sem qualquer tipo de fiscalização. Uma Carta Régia do Marquês de Pombal, em 06 de Junho de 1755, proibiu sumariamente, sem

¹⁷ Fontes: IDEMA – Informativo Municipal: Ceará-Mirim. V.05, p. 1-14, 1999.

RODRIGUES, FRANCISCO DE ASSIS. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição. RN: Fundação José Augusto, 1996.

qualquer motivo nem explicação, a participação de jesuítas na organização administrativa e de ensino do povoado.

Com o afastamento dos jesuítas, os índios pressionados pelos colonizadores, acabaram negociando suas terras com estranhos. Nessa época chegaram os negros vindos da África, e com eles começava o trabalho cativo e formação dos engenhos de cana-de-açúcar, que vieram a comandar a economia e a história do Vale do Ceará-Mirim. Nascia, assim, uma civilização própria com base nos senhores de engenho, conscientes do domínio econômico que exerciam, e de uma fidalguia poderosa e requintada. Era o final do século XIX, o Vale prosperava e crescia com a produção canavieira.

Por algum tempo conservou-se um núcleo de ostentação e luxo. Surgiram os bailes aristocratas, as carruagens forradas com seda e as festas ricas e pomposas. Esses traços que marcaram uma era caracterizaram, no tempo, a etapa patriarcal e escravocrata do açúcar.

Segundo o informativo municipal de 1999 feito pelo IDEMA, em 3 de setembro de 1759, o município foi criado oficialmente, através de alvará, e instalado em 3 de maio de 1760, na antiga aldeia de Guajiru, tendo por sede a Vila de Extremoz (Vila Nova de Extremoz do Norte). Em 18 de agosto de 1855, a sede foi elevada de povoação de “Boca da Mata”, área de roçado de algodão e cereais, a categoria de Vila com o nome de Ceará-Mirim. A transferência para Vila de Ceará-Mirim foi suspensa através da Lei nº 345, de 4 de setembro de 1856. Após dois anos foi novamente confirmada pela Lei nº 370, de 30 de julho de 1858. Em 9 de junho de 1882, através da Lei nº 837, Ceará-Mirim recebeu foros de cidade.

As terras que deram origem ao Município de Ceará Mirim foram concedidas em sesmarias ao português João Fernandes Vieira. Era a região “*Siará*”, onde habitavam os índios Janduís e onde, segundo historiadores, nasceu o índio Poti. O nome do local provém do vocábulo indígena “*Ce-ará-mirim*”, que possui entre suas diversas traduções a de “canta ou fala o papagaio pequeno”.

ANEXO V – BOLETIM DE RECONHECIMENTO GEOGRÁFICO

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE CEARÁ - MIRIM
Boletim de Reconhecimento Geográfico - Resumo

UF	04		
MUNICÍPIO	02600	ETAM	GRANDE NATAL
LOCALIDADE	00191	CATEGORIA	TÓVORADO
SUBLOCALID.	-		
NOME DA LOCALIDADE		RIO DOS INDIOS - pov.	

RESPONSÁVEL	
Supervisor Geral	Supervisor
Chefe de Equipe	Agente
Folha	

Nº	Seq.	Nº de Lados	Tipo do Imóvel					Total	
			Res.	Comerc.	T.B.	Ponto Estrat	Outros	Imóveis	Hab.
1	0	1	1	0	1	0	0	2	4
1	1	1	1	0	0	0	0	1	3
1	2	1	16	0	1	0	0	17	43
2	0	3	38	1	5	0	2	46	161
3	0	1	35	0	1	0	2	38	146
4	0	2	13	0	1	0	1	15	53
5	0	3	19	1	0	0	0	20	76
6	0	1	0	0	1	0	1	2	0
7	0	3	27	2	1	0	1	31	112
8	0	1	67	4	8	0	7	86	277
9	0	1	40	3	1	0	2	46	147
10	0	2	17	0	3	0	1	21	73
TOTAL			274	11	23	0	17	325	1100

RG-02

NOME	CANTAS
ASSINATURA	Francisco Cantas Lima e Silva
Nº AGENTE	
DATA	19-09-2003

ANEXO VI – LEVANTE DO ZUMBA DO TIMBÓ CONTRA QUINCA JULIÃO NARRADO POR SEU ZÉ BINGA

“Aí tinha o Zumba, lá em Timbó, e tinha o Quinca’ Julião aqui. Todos eles tinha’ escravos. Aí o Zumba veio de lá pra cá, pra saí, tomá’ frente da terra. Eu alcancei’ a pista, aí o Quinca’ Julião foi daqui com os nego dele e o de lá veio com os dele. Cada um levou um ferro. A briga era só de facão. Aí lá no encontro dos escravos do Zumba com os dele, morreu 6 escravos do Zumba. Aí ele cortou até donde veio e em Rio dos Índios quando chega aqui, essa é a frente de terra que tomou. Tomou frente de 21 propriedade’. Só tem terra pra fora, pra dentro ficou todinha que ele retomou do Zumba.”

ANEXO VII – ESTÓRIAS DE ALMA

ALMAS 1

“Eu já vi, viu? Vi e não foi só uma, e já até apanhei de alma. Apanhei até duas vez’ de alma: a mão batia, eu ‘tava na bera’ do rio, eu caia dentro do rio. Outra dia assim:

‘- Pode dá, eu num tô’ lhe vendo. Que eu lhe’ visse, eu não ‘tava no rio’.

Uma foi num dia de domingo. Essa eu só via a mãozada. Deu três mãozada’, eu caí três queda;

ALMAS 2

(...) Outra, eu vi ela. Seis hora’ da tarde, eu vinha do serviço, tinha que passá’ o rio aqui, tomava banho, passava o rio. Quando dei fé, lá tava’ aquele cabrão em pé, na bera’ do rio, todo de branco. Eu digo:

‘- Eu vou passá’ acolá em baixo’.

A lua vinha saindo, tinha sido cheia, e quando eu passei lá, tomei banho... Que espiei ele já ‘tava no meio do caminho. Eu digo:

‘- Mas esse cabra tá’ medonho, eu vô pulá’.’

Quando chego pra passá’ numa ponte pelo rio... quando cheguei ele ‘tava no meio da ponte em pé. Aí, eu desço assim... quando eu descí assim, ele plantou-me a mão aqui, eu caí dentro do rio.”

ALMA 3

“Alma eu já vi, agora o povo... tem gente que diz assim:

‘- Eu já vi uma alma!’

Eu digo:

‘- Como foi?’

‘- Foi assim e assim’. Eu digo:

‘- Foi sonho’.

Porque a alma’, ela vem que nem nós tamo’ aqui ó, viu? É perfeitozinho’ o corpo da gente. Ela só não dá as costa’ a você. Mas éfeitazinha’ que eu já peguei assim no braço, topei osso. Mas ela num vai dizê assim:

‘- Isso assim, assim.’

Não! Você pergunta a ela quem pode mais do que Deus, ela já vem dizê no seu uvido’; vem dizê no seu uvido’ – ‘Ninguém!’. Aí o caba’ diz:

‘- Abaixo do poder de Deus, diga o que quer’.

Aí ela diz, o que ela quisé’, ela pede.

ALMAS 4

“(...) Que a mulher lá na Palmeira’ morreu. Ela ficou devendo, mandou falá’ – justamente a mãe de Milto’ Arruda – ela mandou falá duas cuia’ de farinha emprestada a ela, mas ela disse que não emprestou, mandou pra ela. Quando ela morreu, ela apareceu a ele. Apareceu e disse:

‘- Você dê – botou na minha mão, mas quando ela saiu não tinha nada – essa encumendinha’ dê a Chicó pra dá a Barbina’ que eu fiquei devendo a ela’.

Num tinha nada na minha mão! Foi de manhã, eu fui foi falá:

‘- Não, Ritinha não ficou me devendo nada, não. Não, Ritinha não ficou me devendo nada, não’.

Quando foi na outra vez que ela apareceu, deu até a data do ano, viu?

Disse: “- Diga a Chico que pague duas cuia de farinha que eu tomei emprestado a Barbina’, em 24’.

Deu até a data do ano! Aí ele foi, ela disse:

‘- Eu num imprestei’, não. Mande pra ela.’

Mas ela falou imprestado’, aí ele comprou numa bodega’ e foi assim e pagou”.

ALMAS 5

“Agora alma, dizê’ que já vi muita arma’, vi. Vi muita alma. Botei caminho andando de noite... tudo eu vi... muita alma eu vi. Mas nunca tive medo de nenhuma. Eu via e no outro dia ia pro’ mesmo canto. Ali mesmo, quando desce ali, numa descida – quando vem de lá pra cá é descida, daqui pra lá é subida – eu vinha de noite, doze hora’ da noite! Olhei assim o relógio: doze hora’... dia de sexta-feira. Aí eu acendi um cigarro, que eu espio na ponte, lá ia dois cabra correndo. Aí ele bem alvinho, um pegado na frente e outro pegado atrás. Eu digo:

‘- E agora?’.

Passá! Aí eu nem espiava pra riba’, nem espiava pa’ lado nem de canto nenhum. Eu só... com a cabeça baixa, quando eu passei por eles, senti aquela inhaca’ feia; agora eu só vi eles da canela, pra baixo eu não vi as pernas deles. Aí eu passei, fui me assombrá’ dentro de casa, porque você vendo uma visage’, você num espie pra trás... num espie pra trás porque se você espiá’, você se assombra. Não espie pra trás não. Quando eu entrei dentro de casa, fui espiá pelo buraco me assombrei dentro de casa.

ANEXO VIII – ESTÓRIAS DE ENCANTAMENTOS

LOBISOMEM I

“Aqui tem lobisOMEM e conhecia ele mais do que outra coisa. Ele já tinha dado diversas carreiras no povo. Eu agradava a ele. Finado Leôncio lá de Santa Tereza. Aí eu vinha numa noite de sexta-feira mais uns amigos, aí disseram assim:

‘- você traz uma peixerinha desse tamanhinha’...

Aí o Chico me barrou:

- Vai desarmado?

Eu digo vou.

Ele disse: ‘- Pega, leva minha faca aí’.

Tinha essa estrada assim e eu ia nessa aqui, pra saí nessa, pra pegá’ pra vim pra cá, que eu já morava aqui. Aí quando eu vi o negrero’ – o cabra grande de longe, o cara’ corre. O cabra vendo um negoço’ de sopetão nos pés dele, ele não tem medo não. O povo diz que ele tem orelha grande, mais’ né não. É isso, olhe. Ele senta isso aqui no chão; agora no salto, agora é ligeiro demais. Quando eu vou – ‘pou’ – juntou em riba deu. Quando ajuntou em riba deu, eu já vinha com a faca na mão, balancei-lhe a faca, ele sartando’, mais eu do canto não saía. Eu dizia:

‘- Seu Leôncio, o senhor não me conhece não?’.

Ele não queria acordo. Eu mandei a hora, mais’ sem eu sai’ do canto. Eu esperava ele cá. Aí com um pedaço eu disse:

‘- Se apronte que eu vou matá-lo agora!’

Agora juntei-me em riba dele. Quando foi no outro dia de manhã ficou chinela minha, ficou chapéu, ficou tudo. Quando acabemo’ da luta, eu num tava ariado’ dentro do mato! Aí quando foi de manhã, tu acredita por Deus que só tinha ficado o meu rastro? Não tinha escavado dele não. Eu fui na casa dele...

‘- Mais’ seu Leôncio – ele inchado – ‘O senhor essa noite foi me cumê’ acolá no caminho... o senhor ia me matá’.

‘- Meu filho, não fui eu não’.

Eu digo: ‘- Foi você! Foi você, viu?’”.

LOBISOMEM II

“E outro, numa noite eu cheguei, morava acolá em cima, ali na Palmeira’, com a janela assim, quando eu chegava a bem meia-noite ai eu abri a janela, tinha um gato. O gato pulava pra janela e ficava de coca’ ali e eu ficava na rede.

Mais’ menino, esse bicho... gato é muito ligeiro mais’ do sarto’ que ele deu num pegou o gato. Quando pegou o gato – tinha muito bicho assim deitado no meu terrero –, eu varri mão da espingarda. Aquele eu desencantei. Eu sei que ele levou chumbo. Quando saiu, foi entrando no mato, eu balancei a espingarda com meia quarta de chumbo dentro da minha espingarda, que eu tinha. No outro dia tava’ lá o escavado no chão, cortado de chumbo. Aquele eu desencantei”.

LOBISOMEM III

“Pra virá’ lobisome’ o caba’ vai, tira a ropa’ às avessa num dia de sexta-feira. Aí quando um burro se espoja, aí sai embolando no chão. Sai embolando no chão. Aí vai três sexta-feira’... Eu conversei com um que virou lobisOMEM por nove ano’. Ele era de São Paulo do Potengi, disse que tinha era vontade de desencantá’ ca’ mulé’ não come proquera’ não. Come porquera’ não. É pra correr... ‘tava numa praia disse qu’ é de repente chega num lugá’.”

HAJA-PAU

“Olhe, isso existiu aqui... Esse passo’ passava muito na Santinha, mais’ eu nunca vi esse passo’ cantá’ não. Agora, dizem, que eu não acredito, o povo diz que foi um menino que a mãe dele disse:

‘- Meu filho’ – o pai dele foi pra um roçado num dia de sábado – e disse – ‘não tem o que cumê’.

‘- Vou matá’ um franguinho pra mandá’ o cumê’ pra você.

Aí ela fez o cumê’, mandou pelo menino. Chegou no caminho, comeu tudinho’ e butou’ os ossos dentro e levou pro pai. Quando chegou lá, o pai disse:

‘- cadê?’.

Disse:

‘- Ah, ela cumeu’ mais um macho lá.’

Aí o caba’ chegou pra casa, aí meteu o coró’, dando nela e ele lá no canto da parede dizendo:

‘- Haja-pau, haja-pau.’

Cum’ pedaço formou-se num passo’ preto e avuou’. Mais’ qu’eu nunca vi. É conversa que eu vejo o povo contá’, viu? Aí na Santinha passava muito. O povo dizia o Haja-pau. Mais aqui eu nunca vi esse haja-pau cantá’, não. Nunca vi não.

LEVOU

Tem o Levou. Era um menino muito ruim pro pai. Aí ele pegou o pai e matou. Virou um pássaro preto, horrível. Ele carrega a ossada do pai nas costas e passa só à noite. Faz um barulho muito feio... o povo diz que são os ossos que ele leva.

BOTIJA 1

“(...) teve gente que tirou botija. Eu sonhei com duas e ainda não fui arrancá’. Tá todas duas ali. Tá todas duas, não foi retirado nenhuma. Agora, que teve muita gente que tirou. Um tirou bem ali. O menino dali tirou uma panela... mesmo ali, o neto de Chico Fogo.”

BOTIJA 2

‘Quando se tira uma botija...’ tem que se mudá’ do lugá’. Tem que se mudá’ do lugá’. Lá na fazenda tinha gente trabalhando na cerca, a cerca passava aqui, tinha um cajueiro grande. Lá quem arrancou foi o velho Nequinho, daqueles Arruda de Ceará-Mirim, foi quem arrancou um caixão. E danado porque si fincou aquelas estaca pra fazê’ aquela cerca e o buraco das estaca’ passou do caixão, visse? Passou noutro dia ‘manheceu uma velha que morava, deles mesmo, morava aqui bem pertinho, viu quando ele ‘tava arrancando. Viu ele arrancando a mina. Aí com quinze dia’ o filho dele morreu. Com quinze dia’ o

filho dele morreu. Aí dizendo que desse a parte dele a irmã dele que era Alice, nós chamava Lalála:

‘- Papai a parte do meu dinheiro da mina dê a Lalála’.

Ele disse:

‘- Isso é ilusão da febre.’

Aí deixa que tinha sido a mina que ele tinha tirado. Ainda hoje em dia eles melhoraram tudo de sorte, viu? Tudo de sorte... Que os Arruda não tinha’ nada. Os Arruda era’ pescador da beira dos rio’ mais eu. O velho Nequinho, tirador de junco pra fazê’ esteira de cangaia’.

BOTIJA 3

Esta amiga morava em São Francisco. A casa tinha um quintal grande. A minha amiga começou a limpar o quintal encontrou uma prata no chão, guardou e continuou a varrer, e achou uma outra maior, guardou e continuou, e achou mais outra bem grande. De noite apareceu um velho e começou a ‘bulir’ com ela. Na outra noite, este velho apareceu e falou:

“- Sabe aquela prata que você achou? No lugar que você achou a ultima tem uma mina. Chame outra menina e cave no lugar”.

Ela começou a cavar. Um dia eu fui procurar essa menina e ela tava cavando o buraco. Só que o pai dela não deixou ela cavar e um belo dia resolveu ir pra Ceará-Mirim. A menina ficou atormentada, disse que toda as noites o velho vinha rasgar as roupas dela. Ela não saia mais de casa pra canto nenhum. E essa menina disse pra mãe:

“- Só saio daqui pra ir ver padrinho frei Damião.”

Só que nunca dava certo, mas, um certo dia ela conseguiu ir, e quanto encontrou o Padinho Frei Damião ele falou:

“- Vá que você ta curada. E Vou te dar um toque, isso é coisa dos sujos”.

ANEXO IX – ESTÓRIA DE TRANCOSO: GONÇALO

“O menino, o casal nunca tinha tido um filho. Aí o homem disse: mulé’, só queria que mandado pelo demônio tu tivesse um filho’. Ela apareceu grávida, apareceu grávida. Quando nasceu, nasceu um menino. No dia que o menino nasceu comeu leite de 7 vaca’. Aí botou... foi tomar o reis’ como padrinho. Aí botou o nome do menino de Gonçalo. Quando o menino cresceu, todo dia era um boi e um arqueire’ de farinha que comia.

Disse: - Não agüento mais, vou dá ele o padinho’.

Aí deu o padinho’. O padrinho chegou. Aí nesse tempo o reis’ tinha conselheiro, viu? Aí ele ‘tava acabando com o que era do padrinho; ele mandou chamá’ os conselheiro’.

Os conselheiro’ chegou:- Olha rei, esse pé de fruta’ aí... essas fruta’ só cai esmangalhada’ no chão. O senhor diga que ‘tá com vontade de cumê’ uma fruta’ dessa, esse pau é muito podre, ele se quebra, o pau se quebra e ele morre.

Aí o rei: - Está muito bem!’.

- Gonçalo, meu filho, eu queria cumê’ uma fruta’ daquela ali, só cai esmangalhada’ no chão.

- Oi meu padrinho, o custo é esse?

Aí o rei botou pra tu. Aí ele agarrou o cavalo do rei, ralou a carga no cavalo do rei - ‘vuuuu’. O rei – iuuuu. Vai morrer! Depois ele chegou com tanta fruta’, meu cumpadi’.

- Meu filho, você não morreu não?

- Não, o senhor só perdeu seu cavalo véio’.

Aí o rei disse: - Tem jeito não’. Vou mandá’ Gonçalo...

Então, os conselheiro’ chegaram: Mande ele botá’ um roçado no mato fulano de tal que lá só tem bicho feroz, os bicho comi’ ele.

Aí disse: - Meu fio’ eu queria que você fosse botá’ um roçado em mato fulano de tal.

Disse: - Vou meu padrinho.

Ele disse: - O que você precisa?

- Preciso de um facão, de uma ropa’ e de aço.

Aí os vaquero' foram mais ele quando esse' sinais 'te entraro' quase não acabaro' de assiná' tudo. Botaro' tudinho abaixo. Aí foi, secou, plantô'... quando foi um dia o milho já 'tava maduro, ele foi e botou fogo no lance de cerca, comeu o milho todinho.

Aí o rei disse: - Meu fio' lá por'o roçado não tem milho?.

- Não meu padinho, o milho deu um bucadinho' fraco, eu já cumi' tudo. Agora tem muito cereá', feijão', jirimun', tem muito cereá' lá. Eu quero que o senhor me dê um carro de boi pra ir buscá'.

- Pronto, vá!

Aí ele foi. Quando chegou, soltou os boi pra pastá', aí pegou e encheu o carro. Quando chegou viu foi o escavacado. As onças tinham pegado um boi. Tinham pegado um boi, aí saiu no pisco. Quando chegou 'tava a danação de bicho rasgando o boi. Ele agarrou uma 'vinte', pela costa, meteu no pano do facão. Depois cangou' como um boio'.

Quando o rei:

- Meu filho!.

- Não meu padinho', elas comeram um boio', eu não era de vir só com três boio'? Truxe' ela no lugá' do boio'. Agora vou dexa' ela lá na carniça dela.

Agarrou no lombo dela e foi dexa'.

Ele disse: - Não posso com Gonçalo não. Tem jeito não!

Aí: - Gonçalo, meu filho, não agüento mais com você não. Vou lhe dá a sua bóia de amanhã.

Aí deu. A panela dele era uma taxa. Aí escolheu o boi, aí avoou'. Quando chegou muito na frente tinha um caba' que rebolava um peda' de arroba pra riba e aparava.

Aí disse: - Camarada jogadô' de peda' de arroba, que ir mais eu?'

Ele disse: - Vamo'!.

Quando chegou muito na frente tinha outro, um pé de pau, daquele assim... Ele fazia carreira, furava, passava de uma banda pra outra.

Aí: -Camarada furadô' que ir mais eu?

Ele disse quero. Aí saiu eles três. Chegou muito na frente tinha um caba' butando' umas peias.

- Camarada pra que tais butando' essas peias?

- Essas peias 'tô butando pra pegá' um vado' que passou ontem de tarde.

- Camarada pegadô' de viado' peado que ir mais eu?

Disse: - Vamo'!

Aí se juntaram todos quatro. Quando chegaram no mato que tinha muita caça, disse:

- Aqui 'tá bom pra nós ficá'.

Aí ficaram, mataram muita caça. Butaram' a taxa no fogo quando 'tava fervendo chegou um bicho e disse:

- Ou o cumê' ou a vida?

Aí disse: o cumê' e a vida não!

Aí o bicho cumeu o cumê' todinho.

Quando chegaram disseram assim:

- Cadê o cumê'?

- Veio um bicho aqui que disse ou o cumê' ou a vida.

- Você tem mermo' medo desse bicho aí?

O outro disse: - Eu furo um podado com o dente, porque não furo esse bicho de um lado pro outro? Vão pra vê quando vocês chegarem mermo' não tem cumê'!

Aí passou a fera. O bicho chegou:

- Ou o cumê' ou a vida? O cumê' e a vida não.

O bicho cumeu'!

Aí o outro disse: - Mais' você... quem vai ficá' amanhã sou eu.

Aí, ficou os outros. Quando o bicho chegou disse:

- Ou o cumê' ou a vida?.

Ele disse o cumê' e a vida não.

Aí só fartava' Gonçalo.

Gonçalo disse: Vocês vão! Eu não garanto o cumê', não. Vocês tudinho' já viram esse bicho, quem não viu foi eu.

Quando o caba' chegou disse:

- Ou o cumê' ou a vida?'. Á vida e o cumê' não!

Aí se travaram na luta... se travaram na luta, e o bicho entrou num buraco.

- Cadê o bicho? Aqui não veio bicho não. Vocês parece' que 'tava cumendo' era o cumê' e dizendo que era o bicho.

Aí, com medo, disse: - O bicho 'tá acolá na furna dele'. Vamo' tirá' cipó pra fazer um cerco qu'eu vou descer.

Aí desceu. Quando chegou em baixo tinha tem moça bunita' dentro. Aí ele botou uma num balaio, balançou e disse:

Vamos ganhá' o mundo!

Ela disse: - Olha a minha irmã encostada a mim é mais bonita do que eu.

Aí Gonçalo vê a outra, aí disseram:

- Ainda tem outra, a mais nova.

Aí foi balançá', tiraram a outra e ganharam o mundo. E deixaram Gonçalo dentro. Sortaram' o cesto e deixaram ele dentro do buraco.

O bicho passou oito dias sem vir na moradia. No dia que veio na moradia se atracou-se com ele. 'Tracou-se com ele... puxa pr'aqui, puxa pr'acolá e ele atracado até que saiu fora. Aí ganhou um pisosinho'. Aí, quando chegou, eles estavam noutra cidade. Ele matou todos três. E casou as moças com outros e ele não quis casá' com nenhuma, não."

ANEXO X – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS COM SEU ZÉ BINGA

Pesquisa de Campo – Rio dos Índios - Entrevista realizada em 13.03.2004

Entrevistada: **José Ferreira da Silva**

Apelido: Seu Zé Binga

Sexo: Masculino

Idade: 83 anos

Profissão: Agricultor

“Por que Rio dos Índios? Porque era terra de índio. Era mata¹⁸. Era mata... peraí’ que aqui ele ‘tá gravando. ‘Tô com 48 anos; quando cheguei aqui encontrei mata ainda... só não encontrei mais os índios. Aí o resto é com seu Zé Binga.’

Aqui se chamava como antes? Veados. Adepois’ que a usina comprou, passou a ser Rio dos Índios. Agora, Rio dos Índios de Baixo que é os cara’ que acabou-se e Rio dos Índios de riba é esse aqui.

O senhor acha que foi chamado de Rio dos Índios por quê? Porque era quem morava. Essas terras era dos índios. Aí os índios foram s’imbora e deixaram tudo. Muita gente comprou propriedade aqui dos índios que abandonaram tudo. Do Pará, de todo canto, ficou aí abandonada.

O senhor acha que esses índios saíram daqui por quê? Por que eles saíram? Pros’ luga’ deles. Ainda arancei’ índio aqui.

¹⁸ Palavras da vizinha de Seu Zé Binga que ao interferir na entrevista foi advertida por ele.

Mas... eles habitavam aqui só no Rio dos Índios de Baixo ou... Só no Rio dos Índios de Baixo; isso aqui era mata. Isso aqui era uma mata completa. Aqui num morava ninguém não.

O senhor se lembra como foi que as pessoas começaram a chegar aqui?

Me lembro. Começou a chegar as pessoas aqui em 50, viu? Aí, as casinha' pr'aqui, pr'acolá... foi o tempo que houve aquele desastre pr'acolá em baixo, aí mudou-se tudinho' pr'aqui. Lá em baixo não mora ninguém; é tudo aqui.

Tem uma história que falam dos Urso... Eu sei do Timbó. Quer qu'eu conte?

Sim. O boi no Timbó era escravo. Aí no domingo, o, o, mandou buscar, o Zumba, qu'era o dono. Mandou um carregado buscar o boi; quando chegou o boi, chamou 3 boi' e se levantaram. Tinha um boi por nome Bem-te-vi. Se levanta Bem-te-vi. Disse: alá qu'eu não me levanto, 'tô enjoado de trabalha' domingos e dias santos. Aí ele voltou, chegou e disse pro, pro Zumba, que ele é escravo: Bem-te-vi falo'. Aí ele veio e disse: 'Nego, co' boi num fala' vou te dá nove noite de novena. Sabe qual era as noite de novena? Ele retalhava o caba' todinho o coro', cabá' butava sal e butava' no carro de boio' pra puxá' e metia a macaca e a vara de ferro. O Zumba. Aí ele cansou e disse: 'Chama o boi.' Se levanta Bem-te-vi. Alá qu'eu não me levanto, 'tô desinfadado de trabalha' domingos e dia santo. Nego, desna' de hoje eu vou te dá de carta de forria' pra tu não dizeis isso a ninguém. Ainda hoje existe a casa véia' do Zumba, lá. A muié' dele pegava a empregada, chamava: 'vem cá!' Aí ela vinha. Cada um portá' que é dessa grossura. Agarrava um martelo, um prego carpá' e aí apregava' a orelha da nega. Dali batia com uma pá e sentava lá fora: 'Fulana venha cá!' Tinha que rasgá' a orelha e i' lá onde 'tá ela.

A gente ouviu por aqui uma história do haja-pau. O senhor conheceu essa história? Olhe, isso existiu aqui... dizia que esse passo' passava muito na Santinha, mais' eu nunca vi esse passo' cantá' não. Agora, dize', qu'eu não acredito, o povo diz que foi um menino ca' mãe dele disse: Meu filho – o pai dele foi prum' roçado num dia de sábado – e disse – não tem o que cumê'. Vou matá' um franguinho pra mandá' o cumê' pra você. Aí ela fez o cumê', mandou pelo menino. Chegou no caminho, comeu tudinho' e butou' os ossos dentro e levou pro pai. Quando chegou lá, o pai disse: 'cadê?'. Disse: 'ah, ela cumeu' mais um macho lá.' Aí o caba' chegou pra casa, aí meteu o coro', dando nela e ele lá no canto da parede dizendo: 'haja-pau, haja-pau.' Cum' pedaço formou-se num passo' preto e avuou'. Mais' qu'eu nunca vi. É conversa qu'eu vejo o povo contá', viu? Aí na Santinha passava muito. O povo dizia o haja-pau. Mais aqui eu nunca vi esse haja-pau cantá' não. Nunca vi não.

Seu Zé Binga, o senhor sabe como era a relação das pessoas de Rio dos Índios de Cima e de Rio dos Índios de Baixo? Tem muito que não sei mais nem o nome.

Mas as pessoas se davam bem? As de cima com as de baixo? Se davam. Eu mesmo morei lá mais' antes desse desastre. Eu vim pr'aqui no dia 12.05.79. eu fiz essa casa aqui e passei no dia 12.05.79.

Ainda existem caboclos por aqui? Aqui não tem mais não. Existiu... que na minha família tinha até caboco'. Eu vi muito eles. Aqui não tem mais não. Eu arancei' caboco' aqui. Tinha um ali em riba, tinha uma propriedade com muito gado. Aí disse pro vaquero' dele – o vaquero' dele se chamava João fogo – disse: João, eu vô' lá pro Pará pra minha família. E que foi que não pisou mais nunca e passou muito tempo, João Fogo acabou com o gado, acabou com a

terra, acabou com tudo e esse caboco' foi que nunca pisou aqui. Basta o povo daqui sempre indo pro Pará, aí uma neta da mulé' disse: 'minha mãe falava que tinha uma terra pra lá!'. Disse: 'ela tinha 5 braças de terra.' E eu sei quem toma conta, aí ela mandou vende'.

Em Ceará-Mirim tem uma história de baleia. O senhor sabe de alguma história assim? Um missionário que veio lá de Ceará-Mirim, ele rebolou um caroço de cajá pra riba e disse: 'a igreja de Ceará-Mirim há de ser cama duma baleia, Taipú há de ser porto de embarcação.

Aqui em Rio dos Índios tem alguma história desse tipo? Aqui tem não. **O senhor conheceu algum contador de história por aqui?** Eu conto história de trancoso.

O senhor pode contar uma? História de trancoso? Mais' pra que? Pois eu vou contá'uma.

"O menino, o casal nunca tinha tido um filho. Aí o homem disse: mulé', só queria que mandado pelo demônio tu tivesse um filho'. Ela apareceu grávida, apareceu grávida. Quando nasceu, nasceu um menino. No dia que o menino nasceu comeu leite de 7 vaca'. Aí botou... foi tomar o reis' como padrinho. Aí botou o nome do menino de Gonçalo. Quando o menino cresceu, todo dia era um boi e um arqueire' de farinha que comia.

Disse: - Não agüento mais, vou dá ele o padinho'.

Aí deu o padinho'. O padrinho chegou. Aí nesse tempo o reis' tinha conselheiro, viu? Aí ele 'tava acabando com o que era do padrinho; ele mandou chamá' os conselheiro'.

Os conselheiro' chegou:- Olha rei, esse pé de fruta' aí... essas fruta' só cai esmangalhada' no chão. O senhor diga que 'tá com vontade de cumê' uma fruta' dessa, esse pau é muito podre, ele se quebra, o pau se quebra e ele morre.

Aí o rei: - Está muito bem!'

- Gonçalo, meu filho, eu queria cumê' uma fruta' daquela ali, só cai esmangalhada' no chão.

- Oi meu padrinho, o custo é esse?

Aí o rei botou pra tu. Aí ele agarrou o cavalo do rei, ralou a carga no cavalo do rei - 'vuuuuu'. O rei – iuuuu. Vai morrer! Depois ele chegou com tanta fruta', meu cumpadi'.

- Meu filho, você não morreu não?

- Não, o senhor só perdeu seu cavalo véio'.

Aí o rei disse: - Tem jeito não'. Vou mandá' Gonçalo...

Então, os conselheiro' chegaram: Mande ele botá' um roçado no mato fulano de tal que lá só tem bicho feroz, os bicho comi' ele.

Aí disse: - Meu fio' eu queria que você fosse botá' um roçado em mato fulano de tal.

Disse: - Vou meu padrinho.

Ele disse: - O que você precisa?

- Preciso de um facão, de uma ropa' e de aço.

Aí os vaquero' foram mais ele quando esse' sinais 'te entraro' quase não acabaro' de assiná' tudo. Botaro' tudinho abaixo. Aí foi, secou, plantô'... quando foi um dia o milho já 'tava maduro, ele foi e botou fogo no lance de cerca, comeu o milho todinho.

Aí o rei disse: - Meu fio' lá por'o roçado não tem milho?.

- Não meu padinho, o milho deu um bucadinho' fraco, eu já cumi' tudo. Agora tem muito cereá', feijão', jirimun', tem muito cereá' lá. Eu quero que o senhor me dê um carro de boi pra ir buscá'.

- Pronto, vá!

Aí ele foi. Quando chegou, soltou os boi pra pastá', aí pegou e encheu o carro. Quando chegou viu foi o escavacado. As onças tinham pegado um boi. Tinham pegado um boi, aí saiu no pisco. Quando chegou 'tava a danação de bicho rasgando o boi. Ele agarrou uma 'vinte', pela costa, meteu no pano do facão. Depois cangou' como um boio'.

Quando o rei:

- Meu filho!.

- Não meu padinho', elas comeram um boio', eu não era de vir só com três boio'? Truxe' ela no lugá' do boio'. Agora vou dexa' ela lá na carniça dela.

Agarrou no lombo dela e foi dexa'.

Ele disse: - Não posso com Gonçalo não. Tem jeito não!

Aí: - Gonçalo, meu filho, não agüento mais com você não. Vou lhe dá a sua bóia de amanhã.

Aí deu. A panela dele era uma taxa. Aí escolheu o boi, aí avoou'. Quando chegou muito na frente tinha um caba' que rebolava um peda' de arroba pra riba e aparava.

Aí disse: - Camarada jogadô' de peda' de arroba, que ir mais eu?'

Ele disse: - Vamo'!.

Quando chegou muito na frente tinha outro, um pé de pau, daquele assim... Ele fazia carreira, furava, passava de uma banda pra outra.

Aí: -Camarada furadô' que ir mais eu?

Ele disse quero. Aí saiu eles três. Chegou muito na frente tinha um caba' butando' umas peias.

- Camarada pra que tais butando' essas peias?

- Essas peias 'tô butando pra pegá' um vado' que passou ontem de tarde.

- Camarada pegadô' de viado' peado que ir mais eu?

Disse: - Vamo'!

Aí se juntaram todos quatro. Quando chegaram no mato que tinha muita caça, disse:

- Aqui 'tá bom pra nós ficá'.

Aí ficaram, mataram muita caça. Butaram' a taxa no fogo quando 'tava fervendo chegou um bicho e disse:

- Ou o cumê' ou a vida?

Aí disse: o cumê' e a vida não!

Aí o bicho cumeu o cumê' todinho.

Quando chegaram disseram assim:

- Cadê o cumê'?

- Veio um bicho aqui que disse ou o cumê' ou a vida.

- Você tem mermo' medo desse bicho aí?

O outro disse: - Eu furo um podado com o dente, porque não furo esse bicho de um lado pro outro? Vão pra vê quando vocês chegarem mermo' não tem cumê'!

Aí passou a fera. O bicho chegou:

- Ou o cumê' ou a vida? O cumê' e a vida não.

O bicho cumeu'!

Aí o outro disse: - Mais' você... quem vai ficá' amanhã sou eu.

Aí, ficou os outros. Quando o bicho chegou disse:

- Ou o cumê' ou a vida?.

Ele disse o cumê' e a vida não.

Aí só fartava' Gonçalo.

Gonçalo disse: Vocês vão! Eu não garanto o cumê', não. Vocês tudinho' já viram esse bicho, quem não viu foi eu.

Quando o caba' chegou disse:

- Ou o cumê' ou a vida?'. Á vida e o cumê' não!

Aí se travaram na luta... se travaram na luta, e o bicho entrou num buraco.

- Cadê o bicho? Aqui não veio bicho não. Vocês parece' que 'tava cumendo' era o cumê' e dizendo que era o bicho.

Aí, com medo, disse: - O bicho 'tá acolá na furna dele'. Vamo' tirá' cipó pra fazer um cerco qu'eu vou descer.

Aí desceu. Quando chegou em baixo tinha tem moça bunita' dentro. Aí ele botou uma num balaio, balançou e disse:

Vamos ganhá' o mundo!

Ela disse: - Olha a minha irmã encostada a mim é mais bonita do que eu.

Aí Gonçalo vê a outra, aí disseram:

- Ainda tem outra, a mais nova.

Aí foi balançá', tiraram a outra e ganharam o mundo. E deixaram Gonçalo dentro. Sortaram' o cesto e deixaram ele dentro do buraco.

O bicho passou oito dias sem vir na moradia. No dia que veio na moradia se atracou-se com ele. 'Tracou-se com ele... puxa pr'aqui, puxa pr'acolá e ele atracado até que saiu fora. Aí ganhou um pisolinho'. Aí, quando chegou, eles estavam noutra cidade. Ele matou todos três. E casou as moças com outros e ele não quis casá' com nenhuma, não."

O senhor falou, antes, de alguma coisa que tenha acontecido em 69, 70, que fez o povo vir pra cá... Foi no dia 28 de junho, no dia de quarta-feira. Pegou a chuva aqui, chueu' sábado, chueu' domingo, chueu' segunda, chueu' terça, na quarta amanheceu chuvendo. Quando foi de noite, foi o desastre lá em baixo.

Tem caboclo por aqui? Tem não. Esse negócio' de caboco' acabou-se tudo. Eu tenho uma sobrinha minha que mora no Pará, eu perguntei a ela, refém de lá que ainda existia ainda. Ela disse existe mais' tudo já é manso. Rapaz não faz um ano que ela teve aqui, passou três dias mais eu.

E aqui em Rio dos Índios o senhor não acha que há alguém que tem algum parentesco com essas pessoas? Tem mais não. **Por que é que aqui era chamado Veados?** E eu não sei. Sei não. Por que era que chamavam Veados? Sei que já arcancei' isso aqui, eu menino de 5 anos, com o nome de Veados. Aí tinha o Zumba, lá em Timbó, e tinha o Quinca' Julião aqui. Todos eles tinha' escravos. Aí o Zumba veio de lá pra cá, pra saí, tomá' frente da terra. Eu arcancei' a pista, aí o Quinca' Julião foi daqui com os nego dele e o de lá veio com os dele. Cada um levou um ferro. A briga era só de facão. Aí lá no encontro dos escravos do Zumba com os dele, morreu 6 escravos do Zumba. Aí ele cortou até donde veio e em Rio dos Índios quando chega aqui, essa é a frente de terra que tomou. Tomou frente de 21 propriedade'. Só tem terra pra fora, pra dentro ficou todinha que ele retomou do Zumba. No dia que a mulher do Zumba morreu, a casa ficou preta de arubu'. A cova dela é lá em Ceará-Mirim, naquele sumitério' velho. Pode perguntar aos pade' que eles diz. Aí com 7 dias a cova se lascou. Aí butaram' um bracinho de ferro assim, e outro do

outro lado. Passaram uma corrente de ferro. Que não tiraram, ainda tem isso lá. Porque diz que ela ia virá' uma serpente, aí o Pade' mandou argorá' a cova.

Mas tem serpente lá na cova dela? E eu sei. Sei que ela deve ter virado um bicho. Deve ter virado um bicho.

E os Urso? Esse povo do usso' ainda era gente de Dr Múcio.

E o Cruzeiro que tem ali embaixo, em Rio dos Índios? Aquele cruzeiro velho 'tá lá, oia', você repare...passou barreira aqui do lado, passou de outro e o cruzeiro ficou. Existe lá. Quiseram até desmanchá' mais' o Pade' disse que não desmanchasse não. Aquilo ali é antigo. Eu 'tô com 83 anos e já arcancei' aquele Cruzeiro ali.

Tem lobisomem por aqui? Tem e conhecia ele mais do que outra coisa. Ele já tinha dado diversas carreiras no povo. Eu agradava a ele. Finado Leôncio lá de Santa Tereza. Aí eu vinha numa noite de sexta-feira mais uns amigos, aí disseram assim: você traz uma peixerinha desse tamanhinha', aí o Chico me barrou: vai desarmado? Eu digo vou. Ele disse 'pega, leva minha faca aí'. Tinha essa estrada assim e eu ia nessa aqui, pra saí nessa, pra pegá' pra vim pra cá. Qu'eu já morava aqui. Aí quando eu vi o negrero, o caba' grande de longe, o caba' corre. O caba' vendo um negoço' de sopetão nos pés dele, ele não tem medo não. O povo diz que ele tem orelha grande mais' né não. É isso, olhe. Ele senta isso aqui no chão; agora no salto, agora é ligeiro demais. Quando eu vou – 'pou' – juntou em riba deu. Quando ajuntou em riba deu, eu já vinha com a faca na mão, balancei-lhe a faca, ele sartando', mais eu do canto não saía. Eu dizia: 'Seu Leôncio, o senhor não me conhece não?'. Ele não queria acordo. Eu mandei a hora, mais' sem eu sai' do canto. Eu esperava ele cá. Aí com um pedaço eu disse: 'se apronte que eu vou matá-lo agora! Agora juntei-me em

riba dele. Quando foi no outro dia de manhã ficou chinela minha, ficou chapéu, ficou tudo. Quando acabemo' da luta, eu num tava ariado' dentro do mato! Aí quando foi de manhã, tu acredita por Deus que só tinha ficado o meu rastro? Não tinha escavado dele não. Eu fui na casa dele... mais' seu Leôncio – ele inchado – o senhor essa noite foi me cumê' acolá no caminho... o senhor ia me matá'. Meu filho, não fui eu não. Eu digo: 'foi você! Foi você, viu?'.

O povo sabia que ele era lobisomem ali? Sabia. E outro, numa noite eu cheguei, morava acolá em cima, ali na Palmeira', com a janela assim, quando eu chegava a bem meia-noite ai eu abri a janela, tinha um gato, o gato pulava pra janela e ficava de coca' ali e eu ficava na rede. Mais' menino, esse bicho... gato é muito ligeiro mais' do sarto' qu'ele deu num pegou o gato. Quando pegou o gato tinha muito bicho assim deitado no meu terrero', eu varri mão da espingarda, aquele eu desincantei'. Eu sei que ele levou chumbo. Quando saiu, foi entrando no mato, eu balancei a espingarda com meia quarta de chumbo dentro da minha espingarda qu'eu tinha. No outro dia 'tava lá o escavado no chão, cortado de chumbo. Aquele eu desincantei'.

Como é que faz pra virar lobisomem? O caba' vai, tira a ropa' às avessa num dia de sexta-feira, aí quando um burro se espoja, aí sai embolando no chão. Sai embolando no chão. Aí vai três sexta-feira'... eu conversei com um que virou lobisomem por nove ano'. Ele era de São Paulo do Potengi, disse que tinha era vontade de desincantá' ca' mulé' não come proquera' não. Come porquera' não. É pra correr... 'tava numa praia disse qu'é de repente chega num lugá'."

Pesquisa de Campo – Rio dos Índios - Entrevista realizada em 21 / abril / 2004

Entrevistada: **José Ferreira da Silva**

Apelido: Seu Zé Binga

Sexo: Masculino

Idade: 83 anos

Profissão: Agricultor

Ainda existem índios em Rio dos Índios? Uma menina na família de Raimundo Pacheco, ela se perdeu com um índio. Aí teve uma menina. Aí minha tia criou a menina; criou a menina; a gente chamava de... o nome dela era Ester, a gente chamava ela de Mariquinha. Aí ela se casa... aí justamente tem uma filha dela ali in' riba' casada. Que' dizê que a filha dela é bisneta de índia. É família que eu conheço aqui de índio. Isso aqui, isso aqui foi de índio, viu? De índio e tapuio'. Isso aqui foi só de índio. Ai esse povo pegaram' a i' imbora'... aí aquele povo que trabalhava com eles, eles pegaram a deixá aquelas terra', com aquele povo, foro' simbora' pro Pará, pr'esse mei' de mundo e num vortaro' mais. Essa popiedade' aí foi de índio. Essa aqui vizinha foi de índio, viu? Aí deixou tio Belo Trocati', qui' era quem trabaiaava com ele, disse: - "Seu Belo, eu vô m'imbora, vô dá um passeio lá nai' minha famia' depois eu vorto' aqui". E nunca foi qui' vortô. João Fogo era também ôto' índio. Esse índio tinha gado pra danado! Ele era o vaqueiro dele. Ai disse: - "João, eu vou lá no meu povo e adepois' eu vorto'". Nunca foi qui' apareceu mais, aí vai co' o Juiz, aí o Juiz diz: - "Pode vendê e a terra ficá pa' você". Ainda arcancei' iss'aqui' assim.

Então você conheceu índio, né? Eu 'tô com 83 três anos, viu? Nasci e me criei aqui; nunca sai daqui pra fora! Aí eu conheço isso aqui... do Vale do Ceará-Mirim eu conheço todo! Conheço tudo!

Seu Zé Binga, o senhor não sabe, assim, de... por exemplo, alma de índio que alguém tenha visto não? Arma' de índio? Só pode existir! Nós num tem?

Não, mas assim... de alguém que tenha visto... Não. Nunca ouvi falar de ninguém, não. Quando eu era menino, ainda arancei' um velho qui' ele morreu com 125 anos, qu'ele foi escravo no Timbó, que era o Candido Damião. Foi escravo do Timbó. Trabalhou na escravidão 4 anos sendo escravo lá. Ainda hoje existe, a casa existe! A casa do Zumba veio' existi lá in Timbó. Nunca foi abaixo não.

Onde é? Tem um bueiro veio' do engenho, o derradeiro entrando no Timbó, que era três engenho; o derradeiro Timbó de dentro tem a casa do Zumba... e a chaminé do engenho ainda 'tá de pé.

Seu Zé Binga, e botija? Alguém aqui fala em botija? Alguém aqui já recebeu... homi' teve gente qui' tirou botija. Eu sonhei com duas e ainda num fui arrancá. 'Tá todas duas ali. 'Ta todas duas, num foi retirado nenhuma. Agora, qui' teve muita gente qui' tirou.

O povo conta muita história relação à botija... Quando se tira uma botija... tem que se mudá' do lugá'. Tem que se mudá' do lugá'. Um tirou bem ali, o menino dali tirou uma panela... mermo' ali, o neto de Chico Fogo. Lá na fazenda tinha gente trabalhando na cerca, a cerca passava aqui, tinha um cajueiro grande. La' quem arrancou foi o veio' Nequinho, daqueles Arruda de Ceará-Mirim, foi quem arrancô um caxão'. E danado porque si fincou aquelas estaca pa' fazê aquela cerca e o buraco das estaca' passou do caxão, visse?

Passou n'oto' dia 'manheceu uma veia' qui' morava, deles mermo, morava aqui bem pertinho viu quando ele 'tava arrancando. Viu ele arrancando a mina. Aí com quinze dia' o fio' dele morreu. Com quinze dia' o fio' dele morreu, aí dizendo ca'parte de uma irmã dele que era Alice, nós chamava Lalála: - "Papai a parte do meu dinheiro' da mina dê a Lalála. Ele disse: - "Isso é ilusão da febre." Aí deixa que tinha sido a mina que ele tinha tirado. Inda' hoje in' dia eles milolaram' tudo de sorte, viu? Tudo de sorte... qui' os Arruda num tinha' nada. Os Arruda era pescador da bera' dos rio' mais eu; o veio' Nequinho, tirador de junco pra fazê estera' de cangaia'.

De lobisomem o senhor já falou pra gente... já, qu'eu já lutei com um!

Agora eu queria saber se alguém aqui já disse, por exemplo, que já viu uma alma? Eu já vi, viu? Vi e num foi só uma e já até apanhei de arma'. Apanhei de tê duas vez' de alma: a mão batia, eu 'tava na bera' do rio, eu caia dentro do rio. Otra' vez dia assim: "- Pode dá eu num tô li' vendo, qu'eu li' visse eu nun 'tava no rio". Uma foi num dia de domingo. Essa eu só via a mãozada. Deu três mãozada, eu caí três queda; e a ota' eu vi ela. Seis hora da tarde, eu vinha do serviço, tinha qui' passá o rio aqui, tomava banho, passava o rio. Quando dei fé, lá 'stava aquele cabrão em pé, na bera' do rio, todo de branco. Eu digo: "eu vou passá acolá em baixo". A lua vinha saindo, tinha sido cheia, e quando eu passei lá, tomei banho, qui' espiei ele já 'tava no mei' do caminho. Eu digo: "mas esse caba' tá medonho, eu vô pulá." Quando chego pa' passá' numa pointe pelo rio, quando cheguei ele 'tava no meio da pointe' in pé. Aí, eu desço assim, quando eu desci assim, ele pantou-me' a mão aqui, eu caí dentro do rio. Arma eu já vi, agora o povo, tem gente que diz assim: "- Eu já vi uma arma" – eu digo – "como foi?" – "Foi assim e assim". Eu digo: "Foi sonho".

Porque a arma', ela vem qui' nem nós 'tamo' aqui ó, viu?. É prefeitozinho' o corpo da gente, ela só num dá as costa a você. Mas é prefeitazinha' qu'eu já peguei assim no braço, topei osso. Mas ela num vai dizê assim: "issa'ssim, assim." Não! Você pergunta a ela quem pode mais do que Deus, ela já vem dizê no seu uvido'; vem dizê no seu uvido' "Ninguém!" Aí o caba' diz: "Abaixo do podê de Deus diga o qui' qué". Aí ela diz, o que ela quisé' ela pede. Ca' mulher lá na Palmera' morreu; ela ficou devendo, mandou falá', justamente a mãe de Milto' Arruda, ela mandou falá duas cuia de farinha emprestada a ela, mas ela disse qui' não emprestou, mandou pra ela. Quando ela morreu, ela apareceu a ele. Apareceu e disse: "- Você dê - butou' na minha mão, mas quando ela saiu não tinha nada - essa encumendinha' dê a Chicó pa' dá a Barbina qui' eu fiquei devendo a ela". Num tinha nada na minha mão. Foi de manhã, eu fui foi falá: "Não, Ritinha não ficou me devendo nada, não. Não, Ritinha não ficou me devendo nada, não". Quando foi na ota' vez qui' ela apareceu, deu até a data do ano, viu? Disse: "- Diga a Chico qui pague duas cuia de farinha qu'eu tomei imprestado a Barbina, in' 24. Deu até a data do ano! Aí ele foi, ela disse: "- Eu num mandei, imprestei', não. Mandei pra ela". Mas ela falou imprestado', aí ele comprou numa buodega' e foi assim e pagou. Agora arma', dizê que já vi muita arma', vi. Vi muita arma'. Botei caminho andando de noite... tudo eu vi... muita arma' eu vi. Mas nunca tive medo de nenhuma. Eu vi e no oto' dia ia pro' mermo' canto. Ali mermo', quando desce ali, numa descida – quando vem de lá pra cá é descida, daqui pra lá é subida – eu vinha de noite, doze hora' da noite, olhei assim o relógio: doze hora'... dia de sexta-feira. Aí eu acendi um cigarro qu'eu espio na pointe', lá ia dois caba' correndo. Aí ele bem arvinho' um pegado na frente e oto' pegado atrás. Eu

digo: “- E agora?”. Passá! Aí eu nem espiava pra riba’, nem espiava pa’ lado nem de canto nenhum. Eu só... com a cabeça baixa, quando eu passei por eles, senti aquela inhaca’ feia; agora eu só vi eles da canela pra baixo, eu vi as pernas deles. Aí eu passei, fui me assombrá’ dentro de casa, porque você vendo uma visage’, você num espie pra trás... num espie pra trás porque c’ocê espiá, você se assombra. Não espie pra trás não. Quando eu entrei dentro de casa, fui espiá pelo buraco me assombrei dentro de casa.

E histórias de encantamento aqui? A gente sabe do Haja-pau... aquilo do haja pau, eu vi... passava ali na Santinha, mas eu nunca vi a cantiga dele não. Agora diz que ele passava e dizia: “haja-pau!”. Agora diz c’o menino, c’a mãe dele, o pai dele foi pro roçado, disse: “- Não tem o que cumê’ hoje” – num dia de sábado – aí disse: “Eu vou matá’ um franguinho qui’ tem aqui, quando ajeitá’ eu mando o cumê’ pra você”. Aí ajeitou, deu de cume o menino – conversa qu’eu vejo o povo dizê, qu’eu num vi, num é? Conversa qui eu vejo o povo dizê! – aí quando ele chegou no caminho, cumeu’ a carne e butou’ os osso’, chegou t’aqui: “- Mas só tem osso aqui...”. – disse – “Ela cumeu’ todinho mais o macho dela, lá.” – aí o caba’ tirou o bô-broxa’ e veio e quando chegou, meteu o coró’ nela, ele só fazia: “haja-pau, haja-pau!”, e foi se virando num bicho preto, aí o povo... o povo diz qui’ era o Haja-pau. Ali na Santinha passava dimais’, mais’ eu nunca vi... nunca vi a cantiga desse Haja-pau e também nunca vi ele. Só é ilusão que o povo dizê, viu? Mais’ qu’eu nunca vi.